

CELEIRO DE FUTEBOL: CAÇADOR E AS EQUIPES IRMÃS NA ELITE FEMININA

Kindermann e Napoli têm a mesma gestão e, agora, estão no mesmo patamar no cenário nacional





"O maior adversário do Napoli hoje é o Kindermann e do Kindermann é o Napoli"

CONHEÇA ESSA HISTÓRIA 



KINDER MANN **E** NAPOLI

**NO
MESMO
PATAMAR**

Kindermann e Napoli são dois times de Caçador, cidade localizada no Meio Oeste de Santa Catarina, que carregam uma história, no mínimo, inusitada. Os dois são irmãos do mesmo pai, Salézio Kindermann, um empresário e incentivador do futebol feminino no estado. O Kindermann é o irmão mais velho, que passou a trabalhar com as mulheres em 2004. Por outro lado, o Napoli é o temporão da família, que nasceu no cenário feminino em 2017 e está em plena ascensão. O pequeno já surpreende a todos com a forma perspicaz e nada imatura de se comportar dentro de campo.

Essa relação de fraternidade nunca trouxe grandes problemas para os times de Caçador. Os colaboradores se sentiam parte de um mesmo clube, já que as decisões eram tomadas pela mesma pessoa. Em alguns momentos, as jogadoras e comissões técnicas se confundiam entre si. Por um tempo, o uniforme de treino do Napoli estampava a logo do Kindermann e a comissão do irmão mais novo utilizava camisas com as cores amarelo e preto, em vez do azul e vermelho. Com a criação do Napoli feminino, os funcionários e as jogadoras precisaram se dividir, mas continuaram se sentindo como um.

As equipes até eram rivais no Campeonato Catarinense, mas isso nunca influenciou na relação entre as atletas, que moravam juntas, compartilhavam as estruturas do município de Caçador e, às vezes, até treinavam no mesmo horário. No cenário nacional, porém, cada clube estava em uma divisão e as jogadoras se apoiavam para atingir os seus objetivos. Em 2021, o Napoli alcançou o Kindermann e chegou à elite do futebol feminino no Brasil. Agora, a irmandade entre os clubes que possuem o mesmo gestor pode se fortalecer ou, ainda, se tornar uma grande rivalidade de dois times da mesma cidade.



Partida entre Kidermann e Napoli durante o Campeonato Catarinense 2019 no Estádio Carlos Alberto Costa Neves, casa dos dois clubes | Foto: Andrielli Zambonin



As equipes se enfrentaram em 2017 e 2019 no Campeonato Catarinense. Enquanto o Kindermann já tinha participação garantida no Campeonato Brasileiro Série A1, nas duas edições do estadual, o Napoli conquistou a segunda colocação e a vaga para disputar a Série A2, a segunda divisão da competição nacional feminina. Durante 2020, o time que leva o sobrenome de seu fundador chegou até a final da elite nacional e conquistou o vice-campeonato contra o Corinthians. Mais abaixo, em outra divisão, o Napoli foi campeão brasileiro da Série A2 em cima do Botafogo e conquistou pela primeira vez o acesso à Série A1. O resultado surpreendeu não só o público, mas os próprios dirigentes.

“Nós tínhamos um número de jogadoras e com a pandemia foram chegando mais meninas. A gente foi se fortalecendo com a pandemia. Começamos com um grupo sem identidade nenhuma, onde estava todo mundo sem conhecimento e nós não sabíamos até onde poderíamos chegar, mas colocamos alguns objetivos e o principal era o acesso à Série A1. Isso muito entre a comissão e as jogadoras, porque a gestão não imaginava que isso aconteceria. O Salézio sempre fala que ele até acreditava mas, no fundo, a gente sabe que o investimento era para participar do campeonato”, conta Carine Bosetti, técnica do Napoli.

Agora que o time mais novo alçou grandes vôos e conseguiu chegar com suas próprias pernas até a elite do Campeonato Brasileiro, a relação entre os irmãos de Caçador pode mudar. O presidente do Napoli, Jonas Estevão da Silva, ocupa também o cargo de diretor do Kindermann e precisa escolher apenas uma das funções para ocupar em 2021, já que os times são adversários na competição nacional. “Agora vem a parte ruim, porque como eu faço a gestão do Kindermann, eu vou ter que pedir afastamento da equipe do Napoli, justamente por uma questão ética, por estar na mesma divisão. Nós estamos esperando uma notificação extrajudicial da CBF pedindo que seja feito isso. Mas, mesmo assim, a parte de gestão a gente vai continuar fazendo”, explica Jonas.

Na prática, a gestão continua sendo compartilhada entre os dois clubes. “É, são dois times meus. Eu vou ter que tratar bem os dois. Já pensou numa baita de uma zebra? Kindermann e Napoli na final do Brasileiro? É querer demais! No futebol tudo é possível. Mas, assim, o objetivo do Napoli é não cair, é se manter, porque a gente sabe que segunda divisão é uma coisa, primeira é outra, os times investiram bastante. E para o Kindermann só falta ganhar o Campeonato Brasileiro e eu vou ganhar”, projeta, sorrindo, o presidente do Kindermann e gestor do Napoli, Salézio.



A PARALISAÇÃO DO KINDERMANN E O RETORNO COM DOIS CLUBES

Para entender a relação entre os times e a ligação familiar cultivada por eles, é preciso voltar no tempo e relembrar a história anterior à criação da modalidade feminina no Napoli, o segundo time de Caçador no cenário nacional.

Em 2015, o time de futebol feminino do Kindermann estava em plena atividade e conquistou a Copa do Brasil em cima da Ferroviária. Porém, no mês de dezembro, Seu Salézio viu um ex-funcionário entrar no hotel de sua família, fazer de refém suas duas filhas e sobrinhos e assassinar Josué Henrique Kaercher, o técnico do clube naquela vitoriosa temporada. O ocorrido abalou a família Kindermann, que precisou fazer terapia para se recuperar do trauma e paralisar as atividades da equipe por um ano.



O presidente do Kindermann, Salézio, fala sobre o episódio traumatizante para a família, que resolveu deixar o futebol de lado e focar nas outras empresas por um ano.

O retorno do clube aconteceu em janeiro de 2017 e tem ligação direta com a reformulação do Campeonato Brasileiro feminino. A Copa do Brasil foi extinta e o Brasileirão foi dividido em Série A1 e Série A2. Salézio foi avisado em 2016 que o Kindermann era o 8º clube rankeado na CBF e, por isso, teria direito a uma vaga na Série A1. Sem pensar, o empresário voltou com as atividades da equipe.

“Olha, [2016] foi o ano mais difícil da minha vida. Quando me avisaram que o Kindermann tinha uma vaga na Série A1 eu pensei ‘meu Deus, se eu não voltar agora, não volto nunca mais’. O maior problema era falar com a minha família que eu ia voltar, esse foi o maior dilema, porque eles não queriam. Mas eles viram que eu tava tão murcho, tão pra baixo, que deixaram. Se eu não voltasse [naquele momento], não voltava mais. Porque ia voltar na Série A1 do Campeonato Brasileiro, tinha um valor captado na conta e por que eu não voltaria?”, relembrou Salézio.



No primeiro ano do retorno, o clube do empresário chegou até as quartas de final do Brasileiro Série A1, e começou a preparação para o Campeonato Catarinense. Naquela temporada, a CBF comunicou que os estaduais, com pelo menos quatro equipes, teriam uma vaga para a Série A2. Como o Catarinense tinha apenas três clubes, Salézio, juntamente com o diretor Jonas e com o amigo e presidente do Napoli, Adriano Rodrigo Schmitz, teve a ideia de dividir as atletas do Kindermann em dois times e utilizar o CNPJ do Napoli, clube masculino de Caçador, para se inscrever na competição estadual e barganhar uma vaga na Série A2 de 2018.

Na época, o Kindermann tinha um pouco mais de 30 atletas, que foram divididas entre a equipe principal e uma espécie de "time B". "Essa divisão ficou por parte das comissões que foram contratadas para a época. A comissão do Kindermann escolheu as jogadoras, e aquelas que não foram escolhidas foram transferidas para o Napoli para jogar o estadual", contou o diretor do Kindermann e presidente do Napoli, Jonas.

O Napoli ficou com a segunda colocação do Campeonato Catarinense de 2017. Como o Kindermann levou o título da competição e já tinha vaga garantida na Série A1 para 2018, o irmão conquistou a vaga para a Série A2. As condições para a disputa dos campeonatos, no entanto, não foram as mais favoráveis. Naquela época, Jorge Barcellos, o atual técnico do Kindermann, já comandava a equipe. Ao seu lado estava Carine Bosetti, a atual treinadora do Napoli, que era preparadora física do Kindermann e, quando requisitada, jogava em algumas partidas. Do outro lado, para a disputa do estadual de 2017, o diretor Jonas e o preparador de goleiras do Kindermann ficaram responsáveis pelo trabalho com o Napoli, sem outras pessoas na comissão técnica. Essa divisão, porém, só era feita nos jogos, porque a rotina e os treinamentos das duas equipes eram realizados em conjunto.

Na temporada de 2018, quando o Napoli disputou a Série A2 e o Kindermann a Série A1, as comissões passaram por reformulações. Carine foi contratada para ser a técnica do irmão mais novo, sem mais auxílios.

O time foi desclassificado ainda na fase de grupos do campeonato nacional e paralisou as suas atividades. "Nós tivemos uma boa apresentação mesmo com um grupo reduzido. Na comissão técnica era eu e as meninas. Algumas pessoas da comissão do Kindermann auxiliavam quando era possível, mas muito pouco. Nós não tínhamos uma estrutura. Às vezes, goleira tinha que aquecer goleira porque eu não tinha alguém para trabalhar comigo. Em 2018 o Napoli morreu e retornou só no final de 2019 para disputar o Campeonato Catarinense com uma estrutura melhor e com uma comissão técnica", lembrou Carine.



COMPETIÇÃO X PARCERIA: A RELAÇÃO ENTRE OS TIMES

Desde a criação do Napoli feminino, os dois clubes pareciam uma família. Apesar disso, em Caçador, o irmão mais novo sempre foi considerado o segundo da lista, com o menor investimento e atenção. "Ninguém acreditava nelas, era algo como 'daqui a pouco elas caem', 'é um time pequeno, elas vão perder para esse, para aquele', ninguém acreditava", conta a moradora da cidade e torcedora dos times, Katlin Hartmann. Por ser considerado o "time B" do Kindermann, o Napoli acolhia as jogadoras que ainda não eram boas o suficiente para jogar no irmão mais velho: "Na época foi a comissão do Kindermann que fez a seleção das meninas do Napoli. Isto aconteceu até um bom tempo depois. Chegavam as meninas e a gente ia escolhendo. Dali pra frente a gente começou a reconstruir o Kindermann e construir o Napoli. A gente foi selecionando meninas tanto para um, como para outro. Depois veio a Carine e assumiu toda a responsabilidade", esclarece o técnico do Kindermann, Jorge Barcellos.

A rotatividade de atletas entre os dois irmãos é grande. Muitas meninas que hoje estão no Napoli, entraram e foram selecionadas para jogar no Kindermann. Esse é o caso de Júlia Cipriani, atual lateral e capitã do Napoli. A jogadora é natural de Carlos Barbosa, no Rio Grande do Sul, e foi para Caçador em 2018, quando passou em uma peneira do Kindermann. Ao chegar na cidade, porém, ela começou a jogar a Série A2 com o Napoli. Com a paralisação do clube, a capitã retornou ao Kindermann na metade de 2018 e permaneceu jogando pelo irmão mais velho até o final de 2019, data em que o Napoli retornou às atividades para disputar o estadual. Desde então, Júlia não largou mais as cores azul, vermelho e branco. Perguntada sobre a sensação de ser escolhida para atuar no "time B" do Kindermann, ela disse não se importar: "Eu levei isso como uma experiência boa. Até porque eu queria jogar e surgiu essa oportunidade e eu decidi aceitar. Para mim parecia que seria melhor e seria um desafio novo. Não levei isso como um time melhor ou pior, para mim é igual, tenho os mesmos objetivos, que é ganhar", explica a atleta.



Para a cidade, comissão técnica e dirigentes, o Napoli sempre foi um degrau abaixo do Kindermann: "O Napoli foi formado como um laboratório para a equipe do Kindermann. Vinham atletas novas, atletas que a gente não poderia colocar a treinar com uma equipe já avançada, então a gente botava para treinar com o Napoli. Se a atleta fosse boa, a gente colocava na equipe do Kindermann. Se a atleta precisava de uma cancha, ia para a equipe do Napoli e depois de um tempo a gente trazia para o Kindermann. Isso deu tão certo que hoje os dois times disputam a mesma divisão", comenta Jonas, o presidente do Napoli.



Kindermann e Napoli convivem diariamente e usam a mesma estrutura em Caçador | Foto: Andrielli Zambonin

Apesar da diferença de investimento e atenção para os clubes, os elencos usam as mesmas estruturas de Caçador. As condições do estádio, dos campos de treinamento, da academia, do transporte e da alimentação são divididas pelos irmãos. As atletas também moravam juntas no alojamento anexo ao Estádio Carlos Alberto Costa Neves, mas com a ascensão do Napoli à elite, em 2021, as jogadoras do Kindermann passaram a morar em casas e apartamentos, pagos pelo clube, espalhados por Caçador.

Os elencos mantêm uma boa relação. As jogadoras, mais do que um convívio harmônico, colecionam amizades e parcerias. Em 2020, quando os times estavam em divisões nacionais diferentes, as atletas do Napoli se reuniam para torcer pelo Kindermann e vice-versa. “A gente tem uma proximidade bem grande e, às vezes, frequentamos os mesmos lugares. A nossa relação é muito boa. A gente não parou ainda de verdade para pensar como adversário. Eu acho que isso vai acontecer na semana do jogo talvez”, projeta Tuani Lemos, a capitã do Kindermann.



Está claro para as jogadoras e comissão técnica que, apesar de hoje os clubes estarem na mesma divisão, o Kindermann ainda é a equipe consolidada com um histórico no cenário nacional do futebol feminino, enquanto o Napoli é um clube mais novo que sobe os degraus aos poucos para alcançar os seus objetivos. "A gente sabe hoje que o Kindermann é o carro-chefe. Por exemplo, nós esperamos a programação de treino do Kindermann para fazer a programação do Napoli e não ter esse choque de horários na utilização dos espaços. Nós buscamos o nosso espaço e o Kindermann já está consolidado. Há momentos [de sentimento de inferioridade], principalmente em relação às meninas. São investimentos diferentes, a folha salarial, o investimento no Kindermann é muito maior, o Napoli seria 1/3 do que é o Kindermann, não sei se chega a isso", reflete a técnica do Napoli.

A diferença de investimento e tratamento, porém, não impede que os elencos, comissões e dirigentes formem uma família. O sobrenome Kindermann vem de seu Salézio, natural de Gravatal, no Sul de Santa Catarina. Desde 1965, ele constrói uma grande união em Caçador. O espírito familiar do empresário, bem como as características de uma cidade mediana, fazem com que as pessoas de dentro e de fora do clube identifiquem o Napoli e o Kindermann como uma grande família.

[CONHEÇA MAIS O SEU SALÉZIO KINDERMANN >](#)



SEU SALÉZIO:

O HOMEM QUE ACREDITA E APOSTA NO
FUTEBOL DE MULHERES



ANDRIELLI ZAMBONIN





**FRUTO DA CIDADE DAS ÁGUAS TERMAIS,
SEU SALÉZIO VIVE NO MUNICÍPIO DO
MEIO OESTE DE SANTA CATARINA DESDE
1965. UM CAÇADORENSE POR NATUREZA,
ELE NÃO PERDE A ESPERANÇA DA VIDA
E, AOS 77 ANOS, DESENHA LONGOS
CAMINHOS PARA O ESPORTE DE
MULHERES.**



GRAVATAL/SC

REPRODUÇÃO





CARINHO, AMOR E DEDICAÇÃO SÃO AS PALAVRAS QUE DESCREVEM O TRABALHO DAQUELE QUE É O MAIOR INVESTIDOR DO FUTEBOL FEMININO NO ESTADO. O SUCESSO NO MUNDO ESPORTIVO NÃO VEIO CONSTRUINDO ELENÇOS, MAS CULTIVANDO FAMÍLIAS.



KINDERMANN, DIVULGAÇÃO





O COMEÇO DO SEU ITINERÁRIO FOI EM 1975 COM A CRIAÇÃO DO TIME QUE CARREGA SEU SOBRENOME. GOLEIRO DE PELADA, ELE GOSTAVA MESMO ERA DE FUTSAL. CONCEBEU OS FALCÕES E DEPOIS A ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA KINDERMANN. EM 2004 RESOLVEU ACABAR COM TUDO, MAS NOS OLHOS DE ONZE MENINAS ENXERGOU ESPERANÇA E POTENCIAL. O CLUBE MASCULINO FOI PARA ESCANTEIO E O FEMININO TEVE ESPAÇO PARA FLORESER NO MEIO DO FRIO, DAS ARAUCÁRIAS E CAPIVARAS.



LUANA RECH E MÁRCIO BARCELLOS, REPRODUÇÃO

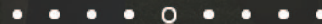




A EQUIPE FEMININA FOI VITORIOSA NO FUTSAL E RESOLVEU SE AVENTURAR NOS CAMPOS DO BRASIL. NO PRIMEIRO ANO JÁ DEMONSTROU POTENCIAL E A ESCADA ROLANTE NÃO PAROU DE ACELERAR. EM 2015, PORÉM, UM EX-FUNCIONÁRIO QUE TINHA UMA LISTINHA PARA MATAR RESOLVEU ACABAR COM TUDO. A FAMÍLIA DO HOMEM ESPERANÇOSO ESTAVA ENTRE A VIDA E A MORTE. O FIM VEIO APENAS PARA O TREINADOR DO TIME, JOSUÉ HENRIQUE KAERCHER.



FACEBOOK, REPRODUÇÃO





A ESPERANÇA SE ESVAIU. A FAMÍLIA ACABOU SEM PONTO FINAL. NÃO TEM MAIS KINDERMANN, NÃO TEM MAIS NADA. A FÉ NO "DEUS CAPRICHOSO" NUNCA FOI EMBORA. UM ANO SE PASSOU E A PERSPECTIVA VOLTOU. UM NOVO TIME, UM NOVO HORIZONTE.



KINDERMANN, DIVULGAÇÃO





O VOVÔ DA FAMÍLIA AUMENTOU A PARENTADA. A FÊNIX VOLTOU REVIGORADA. COM O KINDERMANN NA ELITE ERA PRECISO MAIS. MAIS? MAIS UM TIME PARA CHAMAR DE SEU. JOGADORAS DO BANCO OCUPARAM A POSIÇÃO DE TITULAR. UM NOVO TIME, UM NOVO HORIZONTE, UM NOVO NAPOLI.



NAPOLI, DIVULGAÇÃO





UM VICE-CAMPEONATO NA ELITE. UM TÍTULO NA SEGUNDONA. DUAS VAGAS NA LIBERTADORES. DEZENAS DE SORRISOS DESABROCHANDO. TUDO ISSO EM 2020. NEM A PANDEMIA CONSEGUIU PARAR DEUS E 45 ANOS DE EXPERIÊNCIA. "PELO VISTO APRENDI DIREITINHO", BRINCA SEU SALÉZIO FALANDO SOBRE A HABILIDADE DE ADMINISTRAÇÃO.



THAÍS MAGALHÃES, CBF





NOVOS HORIZONTES SÃO ILIMITADOS. UM FUTURO MELHOR É O OBJETIVO. AS MULHERES SÃO PROTAGONISTAS.

O FUTEBOL É A VIDA E AJUDAR É O COMBUSTÍVEL. ADMIRADO, SALÉZIO NÃO VÊ UM PONTO FINAL




EXTRA SC JORNAL, REPRODUÇÃO



**"O KINDERMANN
É UMA FAMÍLIA.
EU SOU O VOVÔ
DESSAS MENINAS.
TU IMAGINA EU DESDE
2008 ATÉ AGORA
FAZENDO FUTEBOL
FEMININO, TODO
MUNDO QUE PASSA
POR AQUI VIRA
MINHA FAMÍLIA"**

*— Salézio Kindermann
Presidente do Kindermann e Gestor do Napoli*





**"EU ACHO QUE A
GENTE TEM UM
RESPEITO MUITO
GRANDE UMAS PELAS
OUTRAS E A GENTE
ESTÁ SEMPRE EM
CONTATO, A GENTE
BRINCA MUITO SOBRE
MUITAS COISAS, A
GENTE JOGA JUNTO
NA INTERNET. NOSSO
RELACIONAMENTO É
MUITO BOM MESMO"**

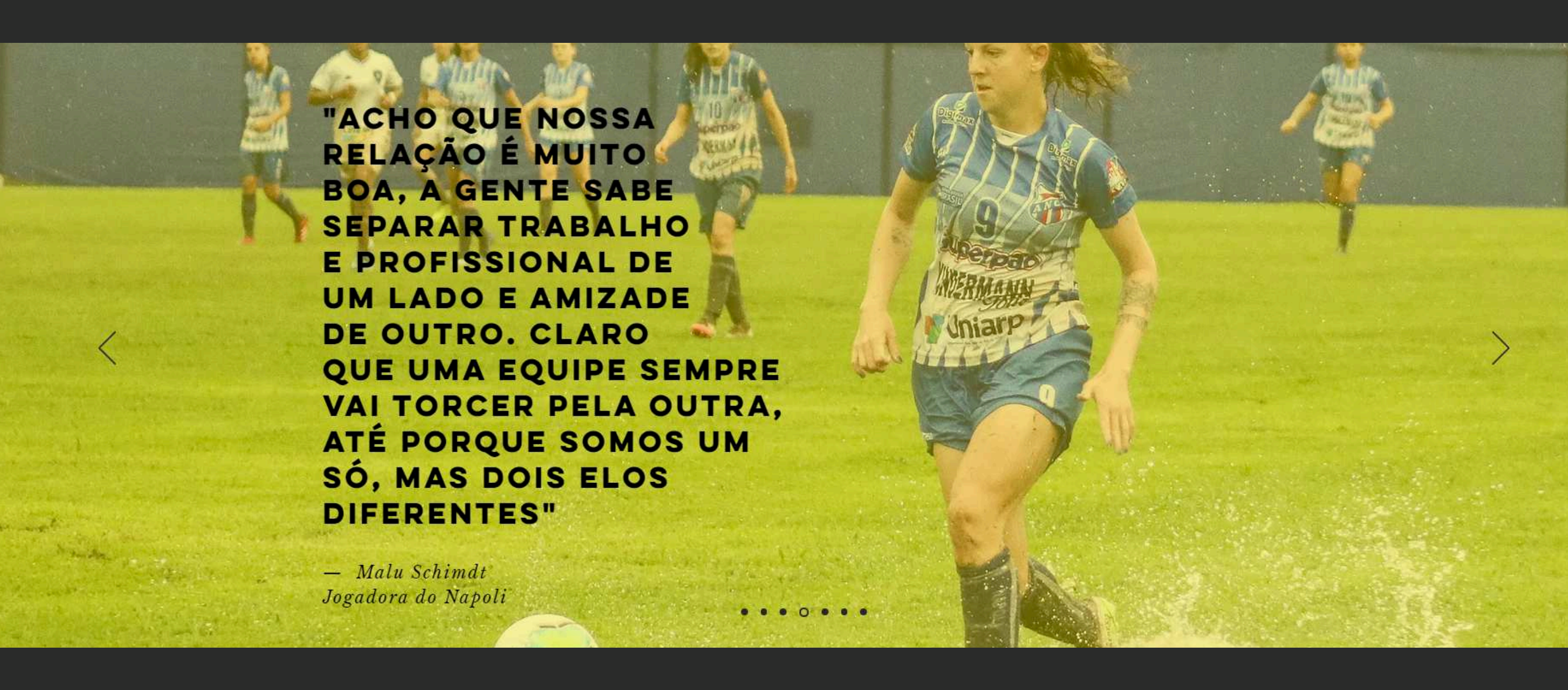
*— Tuani Lemos
Capitã do Kindermann*



**"A RELAÇÃO ENTRE OS DOIS
TIMES ERA SENSACIONAL,
ERA COMO SE FOSSE UM TIME
SÓ ALI. A GENTE TINHA UMA
RELAÇÃO MUITO BOA COM AS
MENINAS E COM A
COMISSÃO DO NAPOLI. ERA
COMO SE FOSSE REALMENTE
UMA FAMÍLIA: O TIME DO
NAPOLI E DO KINDERMANN"**

— *Duda Santos*
Ex-atleta do Kindermann e atual meia do Palmeiras

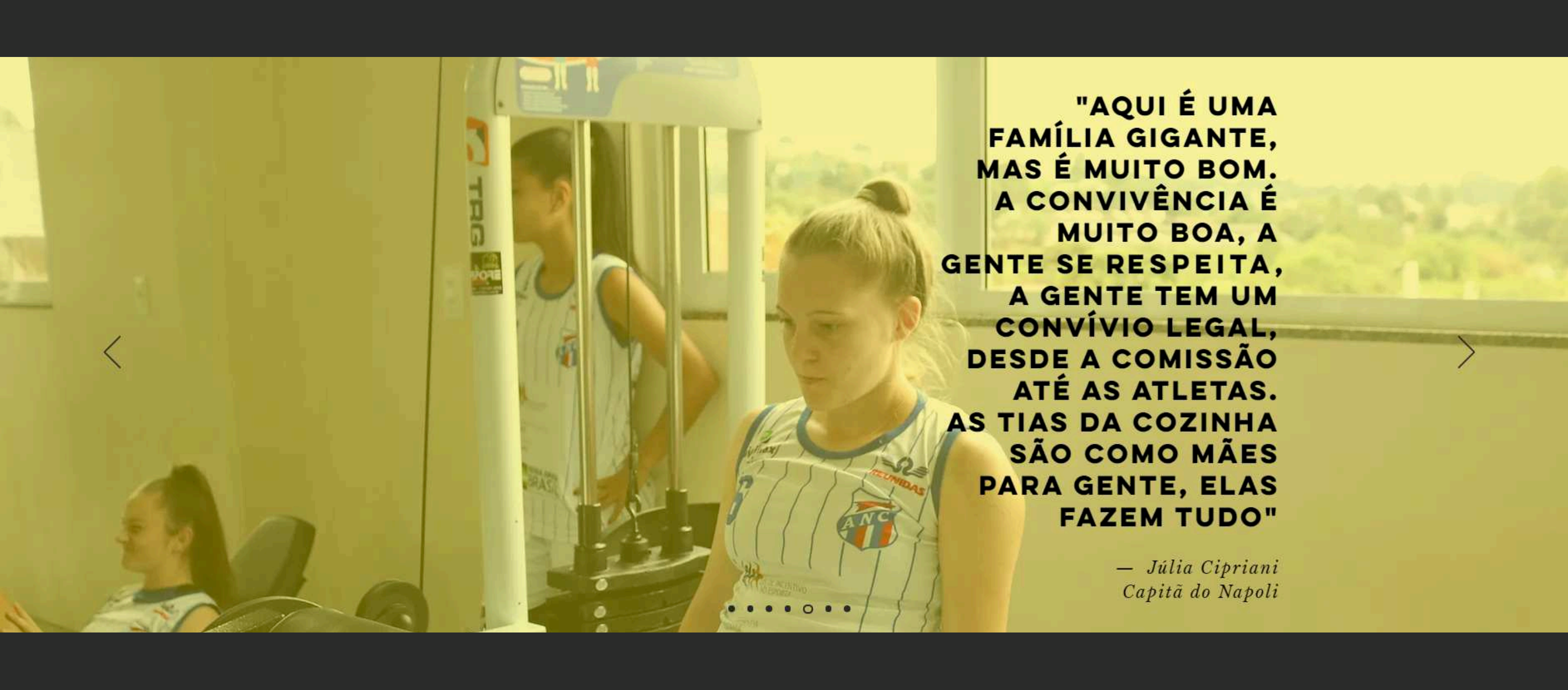




**"ACHO QUE NOSSA
RELAÇÃO É MUITO
BOA, A GENTE SABE
SEPARAR TRABALHO
E PROFISSIONAL DE
UM LADO E AMIZADE
DE OUTRO. CLARO
QUE UMA EQUIPE SEMPRE
VAI TORCER PELA OUTRA,
ATÉ PORQUE SOMOS UM
SÓ, MAS DOIS ELOS
DIFERENTES"**

— *Malu Schimdt*
Jogadora do Napoli

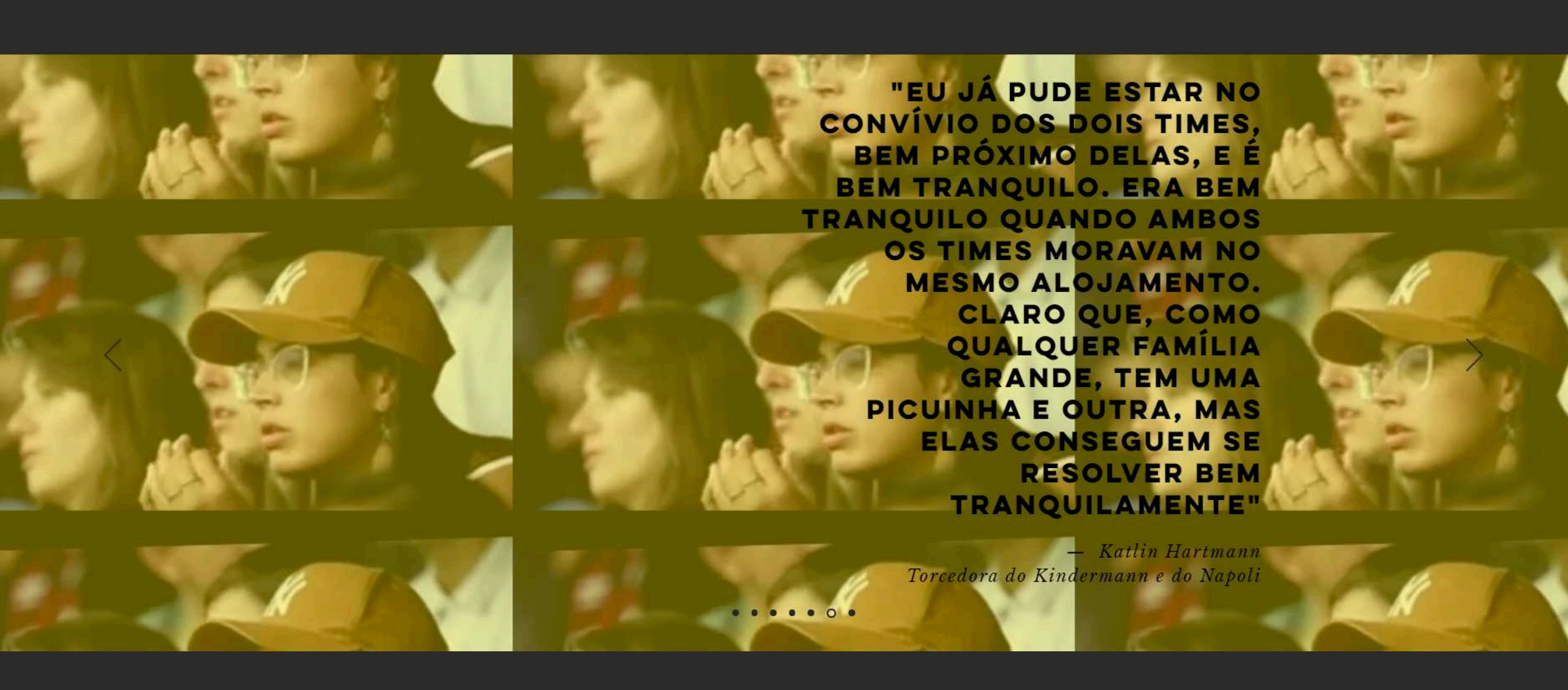




**"AQUI É UMA
FAMÍLIA GIGANTE,
MAS É MUITO BOM.
A CONVIVÊNCIA É
MUITO BOA, A
GENTE SE RESPEITA,
A GENTE TEM UM
CONVÍVIO LEGAL,
DESDE A COMISSÃO
ATÉ AS ATLETAS.
AS TIAS DA COZINHA
SÃO COMO MÃES
PARA GENTE, ELAS
FAZEM TUDO"**

— *Júlia Cipriani*
Capitã do Napoli

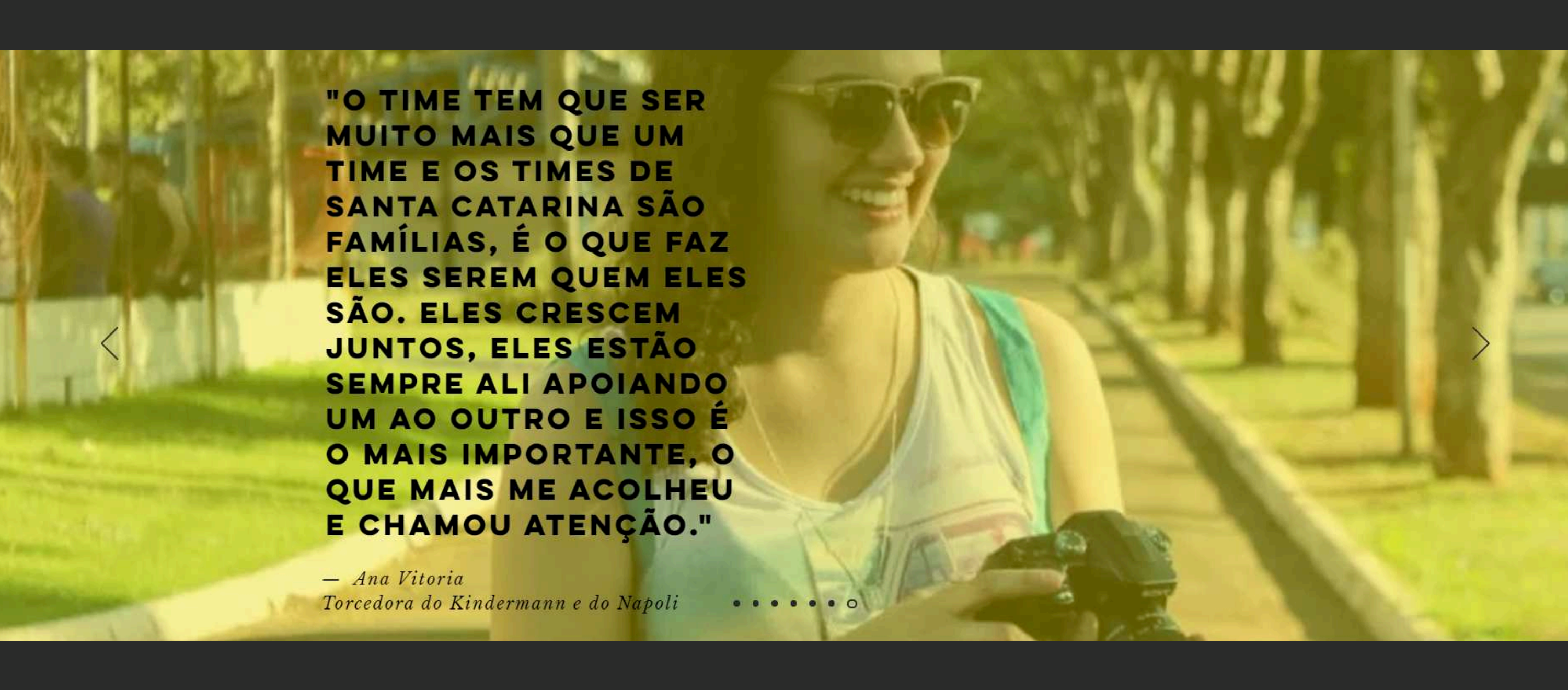




**"EU JÁ PUDE ESTAR NO
CONVÍVIO DOS DOIS TIMES,
BEM PRÓXIMO DELAS, E É
BEM TRANQUILO. ERA BEM
TRANQUILO QUANDO AMBOS
OS TIMES MORAVAM NO
MESMO ALOJAMENTO.
CLARO QUE, COMO
QUALQUER FAMÍLIA
GRANDE, TEM UMA
PICUINHA E OUTRA, MAS
ELAS CONSEGUEM SE
RESOLVER BEM
TRANQUILAMENTE"**

— *Katlin Hartmann*
Torcedora do Kindermann e do Napoli





**"O TIME TEM QUE SER
MUITO MAIS QUE UM
TIME E OS TIMES DE
SANTA CATARINA SÃO
FAMÍLIAS, É O QUE FAZ
ELES SEREM QUEM ELES
SÃO. ELES CRESCEM
JUNTOS, ELES ESTÃO
SEMPRE ALI APOIANDO
UM AO OUTRO E ISSO É
O MAIS IMPORTANTE, O
QUE MAIS ME ACOLHEU
E CHAMOU ATENÇÃO."**

— *Ana Vitoria*
Torcedora do Kindermann e do Napoli



Desde o estadual de 2019, os times são totalmente independentes em relação às jogadoras e comissões técnicas. Com a ascensão de Carine Bosetti ao cargo de técnica do Napoli, Salézio passou a melhorar a estrutura e o time começou a andar com suas próprias pernas. O esquema de peneira e seleções conjuntas não funciona mais e a contratação de atletas para 2021 aconteceu de acordo com o desejo das comissões, dentro da realidade financeira de cada clube. A gestão dos times, bem como a assessoria de imprensa, é compartilhada. Porém, o modelo de jogo e a forma com que cada equipe se posta é diferente por conta dos trabalhos das comissões técnicas.

Ainda não se sabe o futuro dos clubes. 2021 será o ano de medir a febre no campeonato Série A1. Caso o Napoli surpreenda mais um vez e se classifique entre os oito para disputar as quartas de final, a rivalidade entre as equipes pode se acirrar. No histórico de confronto entre os clubes, o Kindermann tem cinco vitórias e uma derrota. Agora, os irmãos estarão cara a cara na 11ª rodada do Campeonato Brasileiro Série A1 2021, a primeira vez em uma competição nacional. A torcida é para que as duas equipes tenham continuidade e se destaquem no cenário do futebol feminino. Sendo elas irmãs ou rivais, o desejo da equipe é para que a cidade de Caçador esteja duplamente em alta, com os nomes dos times em evidência. “Eu acredito que vai chegar um momento em que a própria gestão e a questão de estrutura e tudo mais, de patrocinadores, vai ter que ser separada, se tiver uma continuidade. A gente torce muito para que o Napoli continue não só para oportunizar mais meninas mas, principalmente, para ter esse crescimento do que já se tem aqui e é muito bacana, é um trabalho sério, bem organizado”, anseia a técnica do Napoli, Carine.



PRÓXIMO CAPÍTULO

**A CASA DOS CLUBES:
COMO CAÇADOR LIDA
COM O FUTEBOL
FEMININO**



CAÇADOR: UMA CIDADE ESPORTIVA QUE ACOLHE O FUTEBOL FEMININO



"Viemos jogar nesse potreiro de vocês". Essas foram as palavras utilizadas pela equipe do Botafogo antes do primeiro jogo da final do Brasileirão Série A2 2020 contra o Napoli, em Caçador, segundo história contada pelo presidente do Kindermann e gestor do Napoli, Salézio. Em Santa Catarina, a Estrela Solitária saiu derrotada. Na partida de volta, as atletas do clube rubro-anil deixaram o interior de Santa Catarina em direção ao glorioso Nilton Santos e, de lá, levantaram a taça com o grito engasgado de "É campeão!". Ao voltar para a casa, a recepção não tinha como ser diferente. Em um caminhão do Corpo de Bombeiros, as jogadoras foram aplaudidas e homenageadas pelos moradores da cidade, que saíram em carreatas para comemorar o grande título.

Se quem vê de fora, desdenha de Caçador, aqueles que moram na cidade, rasgam elogios. "Caçador tem uma temperatura fria e um coração aquecido. Quando as pessoas entram na cidade sentem o prazer e a alegria de estar vivenciando e respirando uma das potências do esporte de Santa Catarina, porque ali se vive realmente o clima esportivo", relata, com um sorriso no rosto, Enemir Corozzola, secretário municipal de Cultura, Esporte e Turismo entre os anos de 2017 e 2020.

O amor que os moradores têm pela cidade transborda pelas palavras e expressões. Localizada a mais de 400 quilômetros de Florianópolis, Caçador tem cerca de 80 mil habitantes. Até quem vem de outras cidades, se sente um pouco em casa na capital do tomate. "Eu já passei por muitas cidades, futebol te coloca em vários lugares. Hoje tenho muitos amigos aqui em Caçador e me sinto bem", conta Jorge Barcellos, técnico do Kindermann. A jogadora do Napoli, Pâmela Dutra, que já morou em Belo Horizonte, Vitória e Campinas, chegou em Caçador em 2021 e lembra que se assustou um pouco com a tranquilidade: "A cidade é bem tranquila. Para quem vem de capitais e cidades um pouco maiores dá uma assustada no começo pela calma que é, mas eu estou gostando bastante de morar aqui".





A cidade que abraça o futebol feminino fica em Santa Catari...



Assistir ma...




Compartilh...



"Do futebol feminino, a maior torcida

desorganizada eu digo que é a nossa"

Assistir no  YouTube

Tuani Lemos, a capitã da equipe do Kindermann, se mudou para Caçador em 2012 e só não fez parte do elenco no ano em que o time foi paralisado. A atleta é natural de Porto Alegre e quando sua família e amigos falam que Caçador é uma cidade pequena e muito distante, ela logo brinca: "não fala da minha cidade, não". Tuani diz que foi muito bem acolhida em Caçador e, por isso, considera o local a sua casa. Ela conta que o povo caçadoreense é único e as interações são sempre muito boas.

"Uma vez um senhor me parou na rua para falar que algumas meninas novas no Kindermann foram meio grosseiras e que isso não era legal. Eu me desculpei por elas e falei que elas não deveriam estar acostumadas com aquilo. Quando eu conversei com o grupo, as meninas prontamente falaram que elas ficaram assustadas por ele parar elas e querer falar sobre futebol. Eu expliquei que aqui é assim mesmo, os moradores conversam, conhecem a gente, e essa interação é muito boa", relembra Tuani.

Como em muitas cidades menores, os moradores de Caçador se informam e ficam por dentro de todas as notícias do futebol do município pelo rádio. A técnica do Napoli, Carine Bosetti, conta que em vários lugares que a equipe vai, as pessoas puxam conversa e comentam "eu ouvi na rádio". A opinião sobre essa relação entre os caçadoreenses e as equipes de futebol da cidade é unânime: todas as jogadoras e funcionários adoram a aproximação. "É muito bacana. A gente sente esse calor da torcida e o quanto as pessoas gostam do Kindermann, do Napoli e gostam do futebol feminino aqui em Caçador", conta Carine.

Agora, além de o Kindermann conquistar espaços nas rádios e em grandes portais e jornais, o Napoli está ganhando destaque na mídia. Com a atenção e as conquistas chegando, a cidade foi se apaixonando cada dia mais pelas equipes. "Caçador acabou se tornando um celeiro na modalidade do futebol", fala o ex-secretário de Esportes, Enemir. Assim como o primeiro filho, o irmão mais novo traz muitas alegrias para a cidade. A comemoração do título da Série A2 de 2020 deixou os caçadorenses realizados: "A gente saiu em carreata com elas. Foi de arrepiar, a gente estava logo atrás do carro de Bombeiros. A gente passando, vendo o reconhecimento na avenida, o Centro parando, [as pessoas] saindo de dentro das lojas e todo mundo aplaudindo, vendo elas passarem. Foi lindo!", relembra Franciele Sella Vezoli, natural de Caçador e torcedora do Kindermann e do Napoli.

O clube rubro-anil só pôde contar com a participação dos torcedores no estádio no primeiro jogo da Série A2 de 2020. Nos demais, o acesso ao público foi proibido devido à pandemia da Covid-19. "Os jogos antes da pandemia eram programas de admiradores, torcedores e famílias que adoram a modalidade", conta Paulo Roberto Bordignon, diretor municipal de Esportes de Caçador. O coronavírus também mudou a relação das jogadoras com a comunidade: "Antes da pandemia, os moradores paravam para conversar, queriam saber quando ia ser o próximo jogo, às vezes cobravam vitória, ou comentavam sobre um jogo que a gente perdeu. Às vezes, quando ia na lotérica pagar uma conta, as pessoas ficavam conversando sobre os jogos", recorda a capitã do Kindermann.



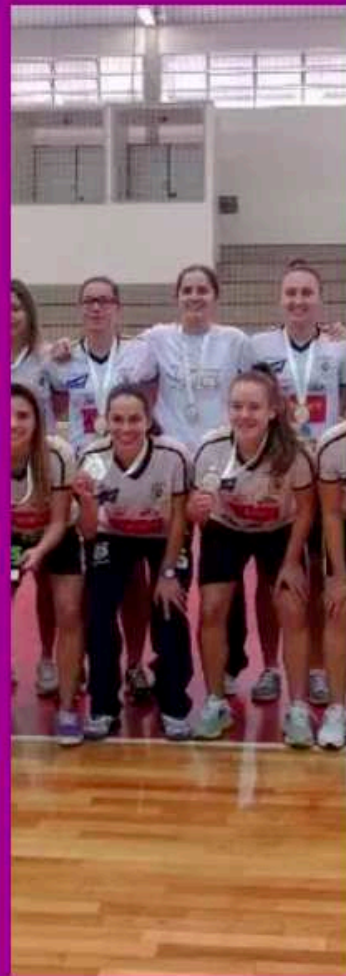
Para a técnica Carine a situação é a mesma. Ela foi jogadora do Kindermann em 2008 e atuou formalmente no clube até 2012. Depois, a treinadora assumiu as funções de comando e, em alguns momentos, ficou de fora das equipes. "Tem pessoas que me conhecem até hoje, eu ando na rua e elas sabem que eu fui jogadora e até pensam que estou jogando ainda. É uma relação muito bacana com o torcedor caçadoreense. O próprio Napoli experimentou isso. As meninas jogaram a final, apareceram na Band, várias pessoas viram e no outro dia elas iam na padaria e eles falavam "Você é a centroavante que marcou 2 gols?", conta Carine.

Duda Santos, ex-meia do Kindermann, se emociona ao lembrar de Caçador e da sua recepção na cidade. A atual jogadora do Palmeiras conta que o município sempre vai ser a sua segunda casa: "a cidade é fantástica, todo mundo fala que não tem o que fazer lá, mas as pessoas de Caçador são incríveis, bem receptivas. Eles acolhem o futebol feminino e é prazeroso você jogar em uma equipe que recebe muito bem", fala emocionada.

A RELAÇÃO DA CIDADE COM O FUTSAL

Hoje a cidade está habituada com o futebol feminino, mas toda essa história começou com a modalidade de futsal. Caçador já sediou diversas competições catarinenses, como três Jogos Abertos de Santa Catarina (Jasc), quatro Joguinhos, três Jogos Abertos Paradesportivos de Santa Catarina (Parajasc) e duas Olimpíadas Estudantis Catarinenses (Olesc). A equipe do Kindermann representava a cidade de Caçador nesses campeonatos, além de jogar as demais competições de futsal.

O ex-secretário de Esportes, Enemir Corozzola, explica que as administrações de Caçador foram se preparando para ser referência no esporte de Santa Catarina. Em uma evolução gradativa, a cidade do Meio Oeste sediou onze edições de campeonatos estaduais desde 2008. “A comunidade caçadoreense é apaixonada pela modalidade esportiva. Falo modalidade esportiva seja ela qual for ou, ainda, masculina ou feminina. Muitas pessoas se interessam e participam”, explica Enemir.





2005

Kindermann campeão da Taça Brasil





2007

Atletas do Kindermann representam
Caçador e são campeões do Jogos Abertos
de Santa Catarina



2011

Tricampeãs universitárias com a participação de Carine Bosetti, atual técnica do Napoli, no time



2011

Kindermann é campeão estadual no futsal
Sub 13



2012

Campeãs estaduais do futsal Sub 15





2012

Tricampeãs estaduais no futsal Sub 17





2013

Kindermann e Uniarp campeões do JUC



2013

Campeãs da Copa do Brasil na modalidade
de futsal Sub 13



2014

Uniarp e Kindermann conquistam a 1ª Copa do Brasil Universitária de Futsal

Carine, a treinadora do Napoli, já representou a cidade de Caçador nos Jogos Abertos. A ex-atleta chegou no Kindermann em 2008, ano em que o futebol estreou no clube. Desde 2004, a equipe competia apenas na modalidade de futsal, mas resolveu focar no futebol e continuar representando Caçador nas quadras durante os tradicionais jogos de Santa Catarina. Já o Napoli, teve o início diretamente nos campos, sem passar pela experiência do futsal. Da mesma forma, atletas do clube mais novo também ajudaram a defender a cidade nos jogos estaduais.

"O futsal é extremamente importante na manutenção do futebol. Antes era muito mais difícil organizar um campeonato de campo, pela quantidade de atletas e pela falta de disponibilidade dos campos. As mulheres não podiam ocupar qualquer espaço. Se você olhar para a arquitetura das quadras, elas acabam sendo lugares mais seguros ou menos visíveis. Tem várias equipes que surgem do futsal ou jogadoras que vêm do futsal", contextualiza a historiadora e pesquisadora Aira Bonfim.

A BASE VEM DO FUTSAL NA CIDADE

É pelo futsal que as meninas de Caçador têm acesso ao esporte. Um projeto de base foi iniciado na cidade em 2017 pela técnica do Napoli e também servidora pública, Carine Bosetti. Nesse período, a ex-atleta, formada em Educação Física, era preparadora física do Kindermann e professora na Prefeitura de Caçador. Em um trabalho de formiguinha, a treinadora iniciou escolinhas em diferentes bairros do município para selecionar meninas para fazer parte da equipe de rendimento, que representaria a cidade em algumas competições. Em 2018, Carine formou uma equipe que garantiu o terceiro lugar na Olesc.

“O trabalho foi feito com alunas de famílias realmente muito humildes. Isso fez com que nós juntássemos forças para conseguir locais para treinar e dar, na medida do possível, a estrutura necessária para que a Carine pudesse desenvolver a base. O masculino já era trabalhado, mas o feminino foi um resgate que a Carine fez junto conosco. Foi muito bacana!”, explica o ex-secretário de Esportes, Enemir Corozzola.



Durante o projeto da prefeitura, Carine pôde auxiliar a carreira de diversas meninas. Algumas delas, hoje, estão no Napoli. Uma das alunas da técnica é Paola. Natural de Joinville, ela tem 14 anos e, antes da pandemia, treinava nas escolinhas da Prefeitura com Carine. Para a adolescente, o esporte é uma forma de ascensão: "Eu pretendo virar jogadora. Eu acho que deve ser muito bom você trabalhar com o que você gosta. [Antes da pandemia] eu treinava umas 3 vezes por semana, eu gostava muito, a Carine é muito legal. Eu acho que o futebol pode me dar uma vida e uma carreira e eu quero seguir por eu gostar", conta Paola.

Todo o trabalho de Carine pela Prefeitura de Caçador foi desenvolvido no futsal, já que o futebol demanda mais estrutura. Porém, a treinadora gostaria que houvesse uma base da modalidade na cidade para que as meninas pudessem fazer a transição para o Napoli ou para o Kindermann. Seu Salézio cita que tem alguns projetos para a iniciação do futebol feminino no município e o diretor Jonas explica que, devido à pandemia, as ideias não puderam sair do papel. Enquanto uma base feminina não é montada em Caçador, os gestores buscam parcerias com outras instituições: "Nós tínhamos parceria em Caçador com alguns colégios, mas devido à pandemia a gente teve que buscar fora da cidade. Temos [parceria] com o pessoal do Criciúma. Eles trabalham a base lá e nas competições a gente traz o time para Caçador ou a gente dá o suporte para as viagens", explica Jonas.

A PARCERIA ENTRE KINDERMANN, NAPOLI E A PREFEITURA DE CAÇADOR

A Prefeitura de Caçador cede parte da estrutura da cidade para a utilização pelos times femininos. O Estádio Carlos Alberto Costa Neves, onde o Kindermann e o Napoli sediam as competições e treinam diariamente, é municipal. O poder público faz um comodato e cede gratuitamente o espaço aos clubes. “O mesmo estádio é utilizado para fazer os jogos dos dois times porque só tem esse estádio na cidade de Caçador. Mas a gente tem um campo de treinamento que é do Kindermann, temos uma parceria que nos cede o campo para treinamentos. Então enquanto uma equipe vai para um campo, outra equipe vai para o outro”, esclarece o diretor Jonas.

Há mais de 20 anos, Salézio Kindermann construiu um alojamento anexo ao estádio, que hoje é utilizado pelo elenco rubro-anil. Sobre a proximidade do campo e do alojamento, a novata do Napoli, Pâmela Dutra, fala: “Até brinco que aqui o estádio é meu quintal, a gente está em casa literalmente”.

As adequações no estádio exigidas pela Federação Catarinense de Futebol (FCF) e pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) são atendidas pela própria prefeitura. Todo ano, a casa do Kindermann e do Napoli precisa passar por mudanças e manutenção. Hoje o estádio abriga cerca de 4.500 pessoas e não comporta a capacidade exigida pela CBF, de 8.000 vagas. Segundo a treinadora Carine, as questões de cabine de imprensa, medida de vestiário e iluminação também não seguem os padrões exigidos.

"O estádio ainda precisa de adequações, mas a prefeitura tem corrido atrás nesse sentido para mandar os jogos aqui. Nós fizemos a final [da Série A2 2020] contra o Botafogo que foi televisionada e eles tiveram que envelopar o estádio inteiro porque não estava visualmente apresentável", conta a técnica.



Além do estádio, a prefeitura fornece transporte, quando necessário, e faz repasses financeiros anuais. O restante da estrutura é disponibilizada pelo próprio clube, como a questão da alimentação, academia, moradia para as jogadoras do Kindermann e campos alternativos para treinos. "Eu acho que Caçador está crescendo e em questão de estrutura é muito boa. Agora aqui no Palmeiras a realidade é bem diferente, o Centro de Treinamento é muito bom e a gente só precisa se preocupar em jogar. Mas eu não tenho o que reclamar do Kindermann", compara Duda, ex-atleta do Kindermann. A atual meia do Palmeiras ainda lembra que foi muito feliz no Kindermann e se emociona ao falar que sente falta dos momentos no treinamento, da alegria e da união dentro de campo.



Enquanto Duda estava no Kindermann, o clube fechou uma parceria com o Avaí, de Florianópolis. O Leão da Ilha iria competir a Série A em 2019 e, por obrigação da CBF, precisaria de um time feminino. Dessa forma, o presidente Francisco José Battistotti fechou parceria com o empresário Salézio Kindermann e, desde então, o clube de Caçador passou a receber repasses do time masculino e mudou o nome para Avaí-Kindermann.

Os moradores da cidade, no primeiro momento, não ficaram muito felizes com a notícia. "Eu não gostei muito porque eu pensei que ia chegar no final [do campeonato] e eles iam jogar nos estádios oficiais e a gente não ia conseguir assistir. E foi o que aconteceu. Mas, em contrapartida, o Avaí tem um grande nome dentro do futebol masculino e isso trouxe uma visibilidade maravilhosa para o time e principalmente para as atletas. Claro, eu tenho que pensar no município, mas penso nelas também. Até então ninguém de fora de Santa Catarina torcia para o Kindermann, a não ser os familiares das atletas. Agora é diferente", conta Katlin Hartmann, torcedora do Kindermann e do Napoli.

O presidente do Avaí comemora a parceria, que já dura dois anos, e lista as conquistas do time feminino, que é um dos grandes no cenário nacional: "Com o Kindermann a gente mostra que foi sucesso porque fomos vice-campeões brasileiro e pegamos duas vagas na Libertadores da América. Tudo isso com um investimento bem menor do que se nós fossemos fazer um clube próprio ou se fechássemos parceria com um clube sem estrutura", explica Battistotti.



Salézio Kindermann e Francisco Battistotti fecham parceria | Foto: Avaí, Divulgação

QUAL VOCÊ ESCOLHE: KINDERMANN OU NAPOLI?

A parceria com o Avaí não impediu que o Kindermann e o Napoli continuassem a cultivar a relação de irmãos, por outro lado, a disputa na elite da Série A1 pode minar essa fraternidade. "Kindermann ou Napoli?", a maioria dos moradores fica em cima do muro e respondem essa pergunta com "os dois" ou "qualquer um". "Tem aqueles que ficam em cima do muro dizem que vão torcer 50/50 ou se ganhar um está bom, se ganhar o outro está bom também e se empatar está ótimo. Mas tem aqueles que já se posicionam. Então, querendo ou não, cada um está configurando a sua torcida. Acredito que vai chegar um momento que pode se tornar um clássico. Vai depender da nossa empatia com as pessoas", opina a técnica do Napoli, Carine.

Em contrapartida, a capitã do equipe rubro-anil acredita que os moradores de Caçador colocam o Napoli e o Kindermann no mesmo pacote e torce junto: "Quando a gente se enfrentou pelo Catarinense era visto como um [time] só. Depois, um clube na elite e o outro na segunda divisão não tinha separação. Não sei se agora vai ter porque os dois estão na elite nacional, por enquanto é tudo um só".

O encontro do Kindermann e do Napoli no Brasileirão Série A1 2021 acontece na 11ª rodada do campeonato, que teve início em 17 de abril. Os caçadorenses estão ansiosos para que a data chegue e torcem para que o estádio já esteja liberado. Uns estão em cima do muro, alguns estão para o lado mais amarelo e outros para o vermelho, mas o pai dos dois times já tem torcida declarada: "Olha, eu vou te dizer que eu vou torcer mais para o Napoli do que para o Kindermann. O Kindermann que se cuide, se não o Napoli vai ganhar deles", brinca Salézio.



PRÓXIMO CAPÍTULO

**COMO VIVEM AS
JOGADORAS DE
FUTEBOL EM
CAÇADOR?**



Rotina e impedimentos: jogadoras do Kindermann e do Napoli lutam diari...




Assistir ma...



Compartilh...



**"A gente não quer se igualar, nós
queremos que o nosso futebol seja visto"**

Assistir no  YouTube

AS DORES E AS DELICÍAS DE SER JOGADORA DE FUTEBOL



Treino técnico, preparação física e treinamento tático. A vida de uma atleta de futebol é como o looping de uma montanha russa: uma repetição sem fim. Persistência e perseverança são necessárias para que, de alguma forma, os objetivos sejam atingidos. Sem balada, mas com muita resenha, as jogadoras de futebol se preparam para, além de jogar bola, ser duas vezes melhor e ter a capacidade questionada frequentemente. Aquele papo "futebol não é para mulher" parece distante, mas reveste os olhares de espectadores brasileiros. O próprio dicionário português mostra que as barreiras ainda estão sólidas e arraigadas. Ao escrever "as atletas" ou "as jogadoras", os aplicativos costumam sublinhar as palavras, como se a expressão estivesse errada. A correção seria "os atletas" ou "os jogadores". Esses obstáculos dificultam ainda mais a vida das meninas, que já têm uma carreira complexa pela frente.

A rotina de uma atleta passa bem longe do usual. O trabalho está presente de manhã, de tarde e de noite. As famílias normalmente moram em cidades distantes e as colegas de equipe passam a ser a referência e o ombro amigo. É difícil manter padrão e estabilidade sendo jogadora de futebol. As viagens são constantes e é comum mudar de casa a cada ano. Apesar da instabilidade, a rotina costuma ser previsível. O Kindermann e o Napoli estabelecem um sistema de trabalho de três turnos de treinamentos e um de descanso. "A gente leva uma vida um tanto quanto diferente de uma vida normal. A gente é bem focada no que tem que fazer, porque não tem outra forma, somos atletas. Mas é isso, uma rotina bem igual, quase igual todos os dias", conta Tuani Lemos, capitã do Kindermann.



Se tem uma coisa que essas profissionais sabem fazer é aproveitar a folga para sair da rotina. Seja tocando um pagode, aprendendo outro esporte, resenhando ou dando muita risadas. E, claro, não se pode esquecer que recentemente um dos maiores passatempos do mundo do futebol se tornou o Tik Tok, aplicativo de vídeo em que as atletas compartilham danças coreografadas. "Nós somos atletas, a gente não é um robô que só está ali para treinar. A gente também tem algumas coisas diferentes que fazemos para nos divertir", expõe Duda Santos, ex-atleta do Kindermann e atual meia do Palmeiras. A jogadora tem um escape diário da sua rotina focada no trabalho, o seu cachorro Léo. Em sua conta no Instagram, ela mostra o cão diariamente e diz: "ele é minha alegria diária. Não tem como você ficar estressada depois de receber esse amor natural".

Seja uma amizade canina ou humana, o apoio amigo é fundamental na trajetória de uma jogadora. A técnica do Napoli, Carine Bosetti desempenha, além de seu papel de comandante, a função de parceira: "Eu sei o que elas passam. Tem momentos que a gente precisa de um ombro, que a gente precisa de alguém. A comissão tenta transmitir isso para elas, para que busquem apoio umas nas outras. Porque se não chega um momento em que a gente se sente sozinho e não consegue ter a continuidade e qualquer momento de dificuldade é momento de pensar em desistir", relata Carine, que no começo de sua carreira atuou como jogadora de futebol e pendurou as chuteiras com 22 anos devido às dificuldades da profissão.



As atletas contam que não é fácil deixar a família para trás para seguir um sonho. Sem suporte, as jogadoras procuram referências no clube. Para elas, as "tias da cozinha" são o elo mais forte. A figura materna faz das cozinheiras um porto seguro. A volta ao lar costuma levar meses para aquelas jogadoras que moram mais longe. As datas como aniversário, páscoa ou dia das mães são comemoradas no próprio clube com as colegas de equipe. Apesar da diversão, amenizar a falta da família não é tarefa fácil. Em 2021 há ainda mais um agravante: a pandemia da Covid-19, que impede que a locomoção para casa seja feita com frequência.



Para passar o tempo, as jogadoras brincam, dançam, leem e ficam com seus cachorros | Foto: Arquivo Pessoal

Na maioria das vezes, no futebol feminino, as meninas só saem de casa quando são mais velhas. O corte do cordão umbilical familiar acontece mais tarde, se comparado ao usual nas carreiras de futebol. É difícil ver meninas participando de escolinhas fora de suas cidades com menos de 16 anos, porque faltam clubes que ofereçam esse serviço para as mulheres. Sobram meninas que querem jogar, mas as oportunidades são raras no Brasil. Por isso, Natália Pereira, conhecida como Nati, procurou um clube masculino para começar os trabalhos. A atleta mora em Florianópolis e foi a primeira garota a passar em uma peneira de um clube masculino, o Avaí. A jogadora de 11 anos pode se manter em uma base masculina até os 13, mas depois precisa buscar uma equipe destinada às meninas.

Nati atua na base avaiiana desde 2019 e teve a oportunidade de ver de pertinho o jogo de ida da final do Brasileiro Série A1 2020, na Ressacada, entre Avaí Kindermann e Corinthians. Além de conversar com as jogadoras e com o técnico Jorge Barcellos, ela ainda conheceu a treinadora da seleção brasileira, Pia Sundhage. A partida para "a menina do laço", como Nati ficou conhecida, foi uma festa só. "Eu gosto muito de assistir futebol e sou uma grande fã do Avaí Kindermann, que eu acho muito bom. As meninas jogam muito bem e ainda tem a presença da goleira da seleção, a Bárbara. As meninas são incríveis, têm bastante posse de bola e eu ainda tive o prazer de conhecer elas, ver elas jogarem e estar presente na final do Brasileirão", conta a atleta.



Até 2019, segundo o portal Dibradoras, o Brasil só tinha um time que oferecia base do início ao fim exclusivamente para meninas, o Centro Olímpico. Tanto a Nati, quanto a sua colega Pietra Souza, conhecida como Pepe, passam uma semana por mês treinando no Centro de Treinamento do clube em São Paulo. Nati é de Santa Catarina e Pepe do Paraná, mas elas precisam recorrer a outros estados para continuar alimentando o sonho de ser uma jogadora de futebol profissional. Pepe também almeja jogar no Kindermann e um dia saiu de Curitiba com destino a Caçador para assistir à equipe de pertinho: "No meu aniversário pedi para meu pai me levar para Caçador para ver um jogo, conheci todas as meninas, elas foram muito legais comigo, o técnico também. Tenho vontade de jogar no Kindermann. Se me convidarem, com certeza eu vou. É um time muito forte, o senhor Salézio sempre gostou muito do futebol feminino e elas estão sempre muito focadas", relembra a atleta.

Para Nati, as bases estão crescendo muito no Brasil, mas ainda têm muito a melhorar. "Deveria ter mais escolinhas, bases, lugares para as meninas treinarem, porque tem muito talento que não tem lugar para treinar", queixa-se a menina do laço. Anderson, o pai de Pietra, diz que precisa de um alto investimento para que sua filha continue treinando. A jogadora da base já recebe patrocínios, mas eles cobrem cerca de 20% dos gastos de Pepe. "Hoje, mesmo profissional, o futebol feminino não se paga", fala Anderson. A família segue investindo na atleta e projeta uma viagem aos Estados Unidos para que a filha possa estudar, treinar e fazer faculdade.



Nati e Pepe jogam futebol desde pequenas com apoio dos pais | Foto: Instagram, Reprodução

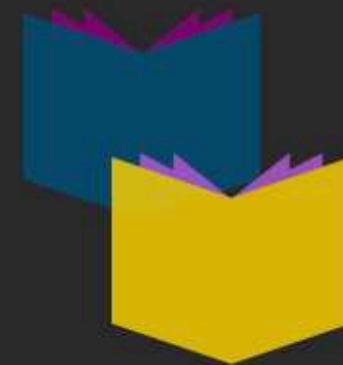
Esse modelo que atrela a prática esportiva aos estudos é muito comum no exterior, mas pouco visto no Brasil.

Diferentes pesquisas demonstram que a escolaridade dos jogadores de futebol é baixíssima no país. Na contramão da tradição da modalidade masculina, o Kindermann e o Napoli estabeleceram uma parceria com a Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (Uniarp) para que as jogadoras possam cursar o ensino superior enquanto trabalham nos clubes. "A gente não obriga, mas a gente indica a faculdade. No período que está aqui a gente tem uma preferência para que a atleta estude, mas é opção", explica o presidente do Napoli e diretor do Kindermann, Jonas Estevão.

Muitas mulheres já saíram de Caçador formadas e com o diploma na mão. Seu Salézio se orgulha desse feito: "Elas até dizem que se não fosse o Salézio e o Kindermann jamais teriam condições de fazer uma faculdade". A capitã do clube mais velho de Caçador está desde 2012 na cidade e se formou em Educação Física no início de 2021. Ela ficou realizada com a conquista. A atual técnica do Napoli, Carine, enquanto atuava como jogadora do Kindermann, também teve a oportunidade de se tornar uma educadora física. A faculdade a ajudou e ainda ajuda na trajetória como treinadora de futebol. Parte da comissão técnica do Napoli e do Kindermann tiveram a oportunidade de cursar o nível superior na Uniarp. Esse é um projeto que beneficia não apenas as próprias jogadoras, mas também a cidade. "A gente está preparando as pessoas de Caçador para tocar o nosso time e a gente está conseguindo esse sucesso maravilhoso", comemora Salézio.

A parceria dos dois clubes com a Uniarp é uma via de mão dupla. Enquanto a faculdade oferece cerca de 30 bolsas de estudo, no valor médio de R\$ 1,6 mil, o Kindermann e o Napoli levam o logotipo da instituição na parte da frente do uniforme. Os gestores não abrem mão desse acordo com a universidade, que oportuniza o ensino superior para as atletas. Por outro lado, as jogadoras, muitas vezes, buscam os times de Caçador por saberem desse benefício. A goleira do Avaí Kindermann, Bárbara Barbosa, pensou em desistir do futebol, mas viu no clube de Santa Catarina uma oportunidade para continuar no esporte e seguir o sonho de trabalhar na área da saúde. A atleta da seleção brasileira cursa Enfermagem na Uniarp desde 2017 e concilia a rotina pesada dos treinos com a dedicação aos estudos. Em uma oportunidade, quando ela havia sido convocada pela técnica Pia Sundhage para atuar nos amistosos do México de 2019, a goleira pediu dispensa para se dedicar às provas finais do curso.

Pâmela, Malu e Júlia, jogadoras do Napoli, também ficam contentes por terem a oportunidade de cursar faculdade. Se engana quem pensa que atletas só fazem Educação Física. A Bárbara já é uma grande prova de que essa afirmação é um mito. Malu escolheu ser educadora física. Ela já cursava faculdade e continuou a sua trajetória ao chegar no time rubro-anil. A capitã do clube, Júlia, optou por Nutrição e Pâmela por Administração.



Para a historiadora Aira Bonfim a oferta de faculdade no Kindermann e no Napoli revela um olhar progressista e moderno sobre o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil. "Eu vejo isso como um projeto muito moderno, eu conheço outros clubes femininos que também fizeram isso. Dá até visibilidade para a própria instituição de ensino. Pensar que depois pode ser uma atleta de reconhecimento nacional e internacional e que vai estar atuando e levando essa imagem para outros lugares. A faculdade dá mais segurança, dentro de um cenário muito inseguro, que são estas últimas décadas do futebol feminino no país", explica Aira, que ainda opina: "Deveria ser um exemplo, um modelo, ou até mesmo virar projetos públicos". A historiadora também explica que a sensação que a modalidade masculina traz para o futebol é um contexto irreal. Ao ver homens com estudos pausados ganhando muito dinheiro, o futebol é enxergado como degrau de enriquecimento.

De acordo com uma pesquisa brasileira do Dr. Antonio Jorge Gonçalves Soares e Leonardo Bernardes Silva De Melo, a chance de um atleta se tornar profissional é de 1,5%. Em todo futebol brasileiro masculino, há cerca de 10 a 15 mil postos de trabalho. Na elite são cerca de 520 lugares na disputa do Campeonato Brasileiro. Segundo levantamento da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em 2016, mais de 80% dos jogadores no Brasil ganhavam menos de mil reais de salário. Por isso, o caminho do estudo aliado ao futebol, trazido por times femininos no Brasil, não é apenas legal, mas ideal. Pensar no depois da carreira ou, até mesmo, no fracasso dela, é necessário para que o futuro não seja apenas uma grande surpresa.

O PASSADO DE PROIBIÇÃO AINDA TRAZ CONSEQUÊNCIAS PARA O FUTEBOL FEMININO

Entre o presente e o passado, muito já se desprezou o futebol feminino. A antipatia ou a indiferença com a modalidade não é apenas de uma parcela da população, mas de uma sociedade que está acostumada a dizer: "futebol de mulher é ruim, é muito parado". Esse preconceito, disfarçado de opinião, faz parte da vivência em um lugar que masculiniza o esporte. "Eu acho que ser mulher é complicado", a fala é de Duda Santos, ex-atleta do Kindermann, mas mostra a opinião de muitas brasileiras que lutam diariamente para serem livres também. No futebol, a liberdade para o sexo feminino veio em 1983, quando foi permitido que mulheres pudessem competir, criar calendários, utilizar estádios e ensinar nas escolas, depois de 42 anos vivendo censuradas.

Entre 1941 e 1979, as mulheres foram proibidas de jogar bola por um decreto-lei expedido no governo de Getúlio Vargas. Algumas partidas clandestinas aconteceram na época, mas o sexo feminino não participava de organizações, campeonatos ou federações oficiais. As partidas de mulheres eram desvinculadas do verdadeiro futebol e apresentadas como uma atração. A regulamentação veio apenas em 1983.



1941

Publicado decreto-lei 3.199 que diz que as mulheres não devem praticar esportes que não sejam "adequados a sua natureza".



1970

Nessa década, há um aumento no registro de jogos clandestinos e de atrações com mulheres jogando, mas sem os parâmetros oficiais.



1965

A proibição é detalhada e o governo federal cita o futebol como uma das modalidades proibidas para mulheres.



1979

Governo federal revoga a proibição de prática de futebol por mulheres.

tro
n
etros



1983

O futebol feminino é regulamentado e as mulheres são liberadas para competir, usar estádios e criar calendários. Clubes como Radar e Saad iniciam a modalidade.



1988

A Fifa organiza o primeiro mundial experimental de mulheres. A Seleção Brasileira improvisada tem base nos clubes Radar e Juventus.

ederal revoga a lei que proibia a
de futebol por mulheres.

1983

Campeonatos da modalidade começam a surgir, como Taça Brasil de Futebol Feminino e Campeonato Nacional de Futebol Feminino.



1991

A Fifa promove a p Seleção Brasileira, assumida pela Con Futebol.



Primeiro mundial
mulheres. A Seleção
brasileira tem base nos clubes



1991

Início da Copa América Feminina.



2001

Fifa começou a premiar a Melhor do Mundo.



1991

A Fifa promove a primeira Copa oficial. A Seleção Brasileira, ainda improvisada, é assumida pela Confederação Brasileira de Futebol.



1996

Os jogos de Atlanta marcaram a estreia do futebol feminino em Olimpíadas. O Brasil conquistou o quarto lugar.





2001

Fifa começou a premiar a Melhor Jogadora do Mundo.



2009

Início da Copa Libertadores da América de Futebol Feminino.



2012

Estreia do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino.

2000 marcaram a estreia do futebol feminino nas Olimpíadas. O Brasil conquistou o lugar.

2007

Fim da Taça Brasil de Futebol Feminino e início da Copa do Brasil de Futebol Feminino organizada pela CBF.



2013

Início do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino.



partadores da América de

2013

Início do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino.



2017

Extinção da Copa do Brasil e reformulação do Campeonato Brasileiro com duas divisões: Série A1 e Série A2.



2018

Marta conquista pela sexta vez o título de melhor jogadora do Mundo.



2019

Copa do Mundo histórica e com recordes. Grandes emissoras jogos.



Finalização da Copa do Brasil e reformulação do Campeonato Brasileiro com duas divisões: Série A1 e Série A2.



2019

Copa do Mundo histórica e com muitos recordes. Grandes emissoras transmitem os jogos.

Futebol

2018

Marta conquista pela sexta vez o título de melhor jogadora do Mundo.



2019

Seleção Brasileira feminina consegue equidade de diárias e premiações com a masculina. Transmissão dos jogos de campeonatos femininos em TV ou streaming.



Ainda hoje é comum que meninas não joguem futebol ou futsal durante a educação física. Piadas como "a sorte é que são bonitas" são rotineiras. Características como as raras bases femininas presentes no país, o atraso de profissionalização do esporte ou a diferença salarial das jogadoras mostram que as consequências de anos de proibição não terminaram nos anos 2000. "Mulher é posta à prova o tempo inteiro. Isso é uma coisa que meio que a gente se acostumou a ter que provar tudo para os outros", comenta Tuani, capitã do Kindermann.

O técnico do time amarelo e preto lembra que o futebol feminino existe há muito tempo, mas que a prática regular da modalidade passou por muitos obstáculos. "Quando você expõe as jogadoras mais cedo, você começa a criar situações de perdas e ganhos mais cedo. É complicado para a jogadora assimilar que ela perdeu um gol aos 45min no pé dela se não é exposta desde cedo ao esporte. O futebol está no DNA dos meninos", explica o treinador. Comparando as modalidades das mulheres e dos homens, Jorge fala sobre a diferença na velocidade dos jogos. Para ele, as equipes masculinas são treinadas para terem velocidade desde muito cedo. "O futebol feminino recuperou um pouco do glamour dos anos 70", opina sobre o ritmo cadenciado das partidas.



As diferenças de musculaturas, densidade óssea ou velocidade não são importantes para as jogadoras. "A gente não quer se igualar, nós queremos o nosso futebol, o futebol de mulher. A gente sabe que não vai igualar força, velocidade, só que nós não queremos isso. Nós queremos que o nosso futebol seja visto, da forma que nós mulheres jogamos, nunca foi esse tipo de igualdade que a gente quis", explica Tuani. Nessa linha de pensamento, alguns desinformados sugerem que os campos e o tempo das partidas devem ser menores que no futebol masculino, mas a capitã do Napoli, Júlia Cipriani, rebate: "A gente se prepara para isso, passamos dias, meses, se preparando para poder jogar os 45. A gente treina em campos gigantes e às vezes até fora do tamanho normal. Acho que não tem fundamento querer diminuir tempo porque a gente é mulher, já provamos muitas vezes que a gente consegue e que a gente aguenta. Os homens têm uma variação, têm mais força, mas não quer dizer que por causa disso a mulher não possa jogar os 45".



A moralidade da mulher sempre foi colocada em cheque quando o assunto é futebol. Nas primeiras décadas do século XX, o "football feminino" era atração de circo e os jornais da época questionavam esse "show". A opinião sobre as atletas de futebol era a mesma que sobre as atrizes que interpretavam as jogadoras no picadeiro. "O circo ajudou a clarear as ideias e a promover a ousadia. Isso tem a ver com essas próprias mulheres que são atrizes, que têm uma moralidade que está sendo discutida publicamente. Que estilo de vida é esse? Não vai ter filhos, vai viver desse jeito, vai usar esse tipo de roupa? Essa história está atrelada ao futebol feminino, que já nasce de um questionamento se pode ou se não pode e está sempre na margem", explica a historiadora Aira Bonfim.

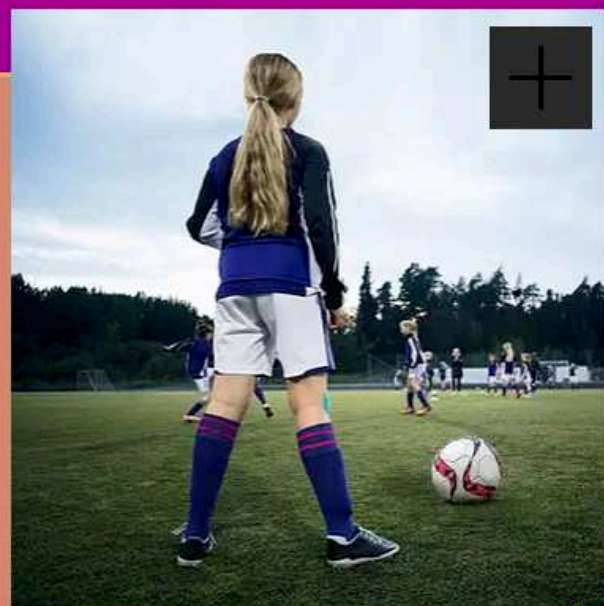


Por outro lado, a modalidade dá grandes passos em direção à valorização. Para Pepe, jogadora da base do Centro Olímpico, a modalidade explodiu no Brasil depois da Copa de 2019. "Começaram a ver que o futebol também é para mulher, não é só para homem, e elas também jogam bem. Ainda sofrem muito preconceito, eu já sofri também, de falarem que o futebol não é para menina, que tem que arrumar a casa, mas não ligo para isso, uso como motivação", fala a atleta. Duda Santos, jogadora do Palmeiras e da seleção principal, tem a mesma opinião. "Eu já ouvi muitas coisas que são desnecessárias. Hoje a gente está quebrando tabus. Creio que a gente escuta muita coisa, mas se a gente se juntar, isso vai ser só crítica. Não temos que dar bola e precisamos continuar fazendo o que nós estamos fazendo, que é fazer o que nós amamos e dar valor às pessoas que realmente torcem para nós", aconselha.

Mesmo para as atletas que vivenciam a rotina todos os dias, é difícil entender o porquê do tratamento diferenciado ainda hoje. Por que o futebol feminino é desprezado? A questão biológica, muito usada como justificativa, não é argumento, já que nenhuma atleta tem por objetivo chegar ao nível de um homem e os campeonatos são entre mulheres. O pretexto de prejudicar a condição de mãe também não pode ser justificativa, já que uma bolada nas partes íntimas masculinas poderiam, da mesma forma, atrapalhar a formação de uma família. E é muito raso fundamentar o desprezo no simples fato de ser "chato", visto que as mulheres estão décadas atrás e não há uma cultura de transmissão e acompanhamento do futebol feminino a longo prazo por parte dos torcedores brasileiros.

É impossível exigir que a modalidade feminina se equipare tecnicamente ou estruturalmente a masculina nos dias de hoje. A sociedade e as leis desencadearam um retrocesso gigante que influencia na desenvoltura de um esporte de alto rendimento. O atraso movimenta uma cadeia que envolve a existência de clubes, de campeonatos, de calendários, de pagamentos e, até mesmo, de mulheres e meninas dispostas a entrar no cenário do futebol feminino. "As meninas não são convidadas a jogar na escola, as meninas não ganham bola de futebol quando são crianças. Pelo contrário, você tem sempre um afastamento e você escolhe, inclusive, quais esportes que vai atribuir ou oferecer para as crianças de acordo com o gênero", explica a historiadora Aira.

A geração das jogadoras do Kindermann e do Napoli lutam todos os dias com as felicidades e dificuldades de ser mulher dentro do esporte. De letra, elas chutam o preconceito para o lado e continuam em uma busca incessante pelo gol. Um pouco mais atrás, a geração da Pepe, de 11 anos, vai chegar aos times adultos com o apoio dos pais e com a experiência de escolinhas e clubes de base. A atleta, que já foi impedida de jogar por ser uma menina, levanta a cabeça e encara os obstáculos de peito aberto. Com apenas 11 anos, já mostra que a base vem forte e traz consigo muita convicção e opinião, tendo em quem se espelhar e com a certeza de que futebol também é lugar de mulher.



PRÓXIMO CAPÍTULO

**TEM JOGADORAS
PROFISSIONAIS NO BRASIL?
E INVESTIMENTO?**

TEM
JOGADORAS?
PROFISSIONAIS
NO BRASIL

E
INVES?
TIMENTO?



Jogadoras de futebol qualificadas não faltam no Brasil. O mesmo não se pode dizer sobre investimento. Sabe aquele dilema de quem veio primeiro: o ovo ou a galinha? Pois então, a mesma história pode estar relacionada ao dinheiro no futebol feminino. Quem deve vir primeiro: o investimento ou a visibilidade? Empresas não investiam com a justificativa de que ninguém assistia à modalidade. A visibilidade não chegava porque ninguém investia e apostava nas jogadoras, dando mais perspectivas para o futebol feminino. A história está mudando com a força de vontade das atletas e profissionais que atuam na área.

Na nova era do futebol feminino, muito impulsionada pelo movimento feminista e pela divulgação em mídias alternativas, o Guaraná é a empresa que puxou o patrocínio da modalidade. Em 2019, antes da Copa do Mundo, a marca gravou um comercial convocando outras empresas a investirem no esporte, com o slogan "Futebol feminino é coisa nossa". E não foi que deu certo? Mais dez grandes marcas entraram na onda e começaram o investimento. Importantes para os campeonatos, os patrocínios também são essenciais para manter clubes e atletas.



O Kindermann conta hoje com dois patrocinadores e 16 parceiros. As fontes de captação de renda para os dois times de Caçador são parecidas e têm como base não apenas as empresas investidoras, mas também vendas de placas para o estádio e publicidade de agasalhos, camisas e coletes. Os clubes também contam com captação de recursos governamentais para projetos sociais dentro do Kindermann e do Napoli, como o Caçador de Talentos e o Preparando Campeãs III, com financiamento do Ministério do Esporte. Além disso, a CBF oferece uma ajuda financeira durante a competição, com auxílios de participação e ajuda de custo nos jogos dentro e fora de casa.

Mesmo com diversas fontes de renda, os clubes muitas vezes não conseguem se manter. Salézio Kindermann, que além de gestor de futebol, é empresário e possui uma rede de hotéis e uma empresa de transportes, investe frequentemente para garantir a continuidade dos times. "O objetivo é encaminhar essas meninas para um futuro melhor. Eu gasto 300, 400 mil por ano do meu bolso. Então não estou fazendo futebol para ganhar dinheiro, isso é a minha vida", diz Salézio. O presidente do Napoli e diretor do Kindermann, Jonas Estevão, conta que em 2020 o empresário gastou R\$ 50 mil para que as equipes pudessem virar o ano em atividade.

Mesmo com diversas fontes de renda, os clubes muitas vezes não conseguem se manter. Salézio Kindermann, que além de gestor de futebol, é empresário e possui uma rede de hotéis e uma empresa de transportes, investe frequentemente para garantir a continuidade dos times. “O objetivo é encaminhar essas meninas para um futuro melhor. Eu gasto 300, 400 mil por ano do meu bolso. Então não estou fazendo futebol para ganhar dinheiro, isso é a minha vida”, diz Salézio. O presidente do Napoli e diretor do Kindermann, Jonas Estevão, conta que em 2020 o empresário gastou R\$ 50 mil para que as equipes pudessem virar o ano em atividade.

Na medida que o futebol feminino ganha visibilidade no cenário nacional, os custos das jogadoras aumentam e, conseqüentemente, a folha salarial do clube passa a dar saltos. Em 2017, no ano de retorno do Kindermann, o investimento era apenas para classificar para a segunda fase. Os custos aumentaram no decorrer dos anos. Em 2019, o primeiro time feminino de Caçador ficou em 3º lugar no Brasileirão Série A1. Para o outro ano, os custos aumentaram em 30%. Em 2020, o Kindermann conquistou o vice-campeonato e, agora, em 2021 as despesas deram um salto de 50%. “Isso acontece devido a supervalorização das atletas, da própria comissão técnica e de outras despesas com médicos, psicólogos e fisioterapeutas. Quando o Avaí entrou foi um alívio monstro nas despesas”, conta o diretor Jonas.



O Leão da Ilha paga um valor fixo por ano para manter a parceria com o clube de Caçador. Agora na Série B, o clube não tem obrigatoriedade de manter uma equipe feminina, de acordo com regulamento da CBF, mas da mesma forma, o time segue com a parceria com o Kindermann. "Nós permanecemos nesse projeto pela marca Avaí. Hoje somos considerados um dos grandes do Brasil em cima dessa parceria estruturada pelo Kindermann. Mesmo estando em Caçador, eles estão levando o nome Avaí. É importante essa permanência. O futuro do futebol feminino está próximo. Quem sai na frente, sai melhor e fica pegando as coisas melhores", explica o presidente do Avaí, Francisco Battistotti.

Do outro lado, o Napoli teve pouquíssimo investimento em seus primeiros anos. A chave mudou após o time ser campeão da Série A2 de 2020 e conquistar o acesso para a Série A1. Em 2021, a folha salarial aumentou em mais de 50% e as atletas, que antes recebiam auxílio, passaram a ganhar salários. "Elas recebiam uma ajuda de custo. Hoje recebem salários até razoáveis. Inflacionou muito o futebol. Elas têm recebido um salário, moradia, alimentação e tudo que é de tratamento médico. A gente dá toda a assistência para elas", afirma Salézio. Em 2020, as atletas do clube ganhavam cerca de R\$ 500 de auxílio, com a ascensão para a primeira divisão do Brasileiro, algumas passaram a receber R\$ 2 mil. Na opinião das jogadoras, a estrutura dos dois clubes é boa, mas o salário ainda é baixo. "Eu costumo falar que eu sei que aqui a gente é privilegiada porque a gente consegue viver com o nosso salário, mas eu sei que dentro do futebol feminino existem clubes que as meninas precisam ter outros trabalhos e isso ainda precisa evoluir muito. Todos os clubes ainda precisam evoluir, a gente precisa de mais para continuar a nossa trajetória", lamenta Tuani Lemos, capitã do Kindermann.

DESPESAS E RECEITAS 2019



RECEITAS



RECEITAS


A diferença de investimento nos dois clubes irmãos de Caçador tem relação com a história que cada um carrega. Enquanto o Kindermann é um time consolidado no cenário nacional, o Napoli busca visibilidade e ascensão. No ranking geral de clubes da CBF, divulgado em 2021 pela entidade, o irmão mais velho ocupa a 5º posição, enquanto o Napoli está na 32º colocação. Na Série A1 há apenas 4 times na frente do Avaí Kindermann, enquanto 12 são melhores que o Napoli, segundo a CBF. "Não é preterir ou preferir, é simplesmente um trabalho pré-planejado de acordo com a realidade de cada time", afirma Jonas.


 Valores recebidos
R\$ 830,6 mil

 Receitas financeiras
R\$ 9,1 mil


 TOTAL RECEBIDO
R\$ 839,7 mil


DESPESAS

 Tributos
R\$ 1,4 mil

 Despesas administrativas
R\$ 5,9 mil

 Despesas gerais
R\$ 687,6 mil

 Despesas financeiras
R\$ 2,4 mil

 Despesas com pessoal
R\$ 31,7 mil

Encargos Sociais
R\$ 1,8 mil

 Patrocínio
R\$ 3 mil

 Repasses
R\$ 19 mil


 TOTAL RECEBIDO
R\$ 22 mil


DESPESAS

 Alimentação
R\$ 1 mil

 Despesas viagens
R\$ 10 mil


 Aluguel
R\$ 150,00

 Inscrições e transferências
R\$ 3,3 mil

 Despesas administrativas
R\$ 160,00

Arbitragem
R\$ 3,6 mil

Para colocar na ponta do lápis, o Avaí Kindermann teve uma despesa de R\$ 747 mil em todo o ano de 2019, segundo dados do último Fluxo de Caixa divulgado pelo clube. Enquanto isso, recebeu cerca de R\$ 839 mil, o que gerou um saldo positivo de R\$ 91,8 mil para o time, que acumulou R\$ 568 mil em caixa, somando com o valor que estava em caixa referente ao ano anterior. O Napoli, em 2019, ano que jogou apenas o Campeonato Catarinense, com muitas atletas do Kindermann, teve uma despesa de R\$ 29 mil e uma receita de R\$ 22 mil, gerando um déficit de R\$ 7 mil. No Balanço publicado pelo clube, não há despesas com ajuda de custo para as jogadoras, apenas com alimentação, moradia, materiais esportivos e viagens. Em comparação, no mesmo período, a Chapecoense, time do Oeste de Santa Catarina, que estava na elite do futebol masculino, tinha uma folha salarial média de R\$ 3 milhões **por mês**.

 Obrigações a pagar
R\$ 16,8 mil

 Material esportivo
R\$ 10,3 mil

 Despesas financeiras
R\$ 743,00

 TOTAL PAGO
R\$ 747,8 mil


 TOTAL PAGO
R\$ 29,4 mil

SUPERÁVIT DE 2019
R\$ 91,8 mil

DÉFICT DE 2019
R\$ 7,4 mil

Em 2019 o Napoli jogou apenas o Campeonato Catarinense. Estes dados foram os últimos divulgados pelos clubes no Portal de Transparência das respectivas associações.

 Share

made with 

Os clubes não divulgaram as folhas salariais de 2021, ano em que as duas equipes estão na elite, mas estima-se que as despesas anuais do Kindermann vão girar em torno de R\$ 1,5 milhão e do Napoli em R\$ 500 mil. Com a diferença de investimento, o poder de barganha das equipes é proporcional ao orçamento. “O Napoli não dispõe de recursos para contratar o mesmo nível de jogadoras que o Kindermann tem, devido à questão financeira, mas compensa em trabalho. Não pensamos em algo menor do que classificar entre os oito. Para o Kindermann não pensamos menos do que chegar na final. Para o futebol nacional hoje, as atletas do Kindermann recebem comparados ao Internacional e Palmeiras”, diz Jonas em relação ao Campeonato Brasileiro Série A1 2021.

Duda Santos, ex-atleta do Kindermann e atual meia do Palmeiras, porém, nota a diferença entre os times de Caçador e um clube de camisa. "Aqui eles dão tudo pra gente. Em questão de salário é extremamente diferente também. Aqui nós temos mais visibilidade, então eles realmente investem na gente, eles dão tudo que a gente precisa. A questão financeira é bem diferente", explica.

Essa discrepância de salário fez a atual treinadora do Napoli desistir de ser atleta. Carine Bosetti foi convocada para a base da seleção brasileira com 17 anos. Para ela, esse era o ponto mais alto da carreira de uma jogadora, mas ao chegar na seleção se decepcionou não apenas pelo salário, que pagava R\$ 25 a diária, mas também pela estrutura da equipe. "Eu me decepcionei muito com o que eu vi na seleção. Isso tirou um pouco da minha expectativa de crescimento. Aí eu comecei a me perguntar 'eu vou conseguir viver do esporte ou eu vou ter que buscar outras alternativas para poder ter um futuro?'" , conta a treinadora. A partir de sua volta da seleção, Carine começou a pensar no seu futuro para além da carreira de atleta. Ela almejava ganhar mais do que R\$ 500 por mês para ter o mínimo de qualidade de vida. Foi assim que iniciou o seu caminho para virar uma técnica de futebol. Hoje, com 30 anos, Carine lembra que poderia estar jogando: "O futebol feminino tem crescido bastante. Eu até comento com as meninas que eu poderia estar jogando até hoje e quem sabe poderia estar aproveitando aquilo que lá trás eu acabei matando dentro de mim".

Esse crescimento do futebol feminino teve também incentivo das próprias entidades da área, que criaram regras para gerar engajamento na modalidade. “Teve uma cadeia de modificações, como o uso dos recursos de Copa do Mundo no investimento do futebol feminino, por exemplo. A Fifa traz a bendita palavra “gênero” para o contexto esportivo. Esse debate atingiu os clubes, a Conmebol interviu com a demanda de obrigatoriedade e representação do futebol feminino e atingiu todos os campeonatos. Então você vai ter mais equipes boas competindo. Isso melhora todos os campeonatos, é um cenário muito melhor do que a década de 90 e, agora, melhor ainda, depois de 2017, mesmo com a pandemia”, explica a historiadora Aira Bonfim.

SAIBA MAIS SOBRE A FORMA DE GESTÃO DOS CLUBES >

A FORMA DE ADMINISTRAÇÃO DOS CLUBES



No Brasil, há duas formas de gestão de times de futebol, a associação sem fins lucrativos e o clube-empresa. Em todo país, apenas Botafogo, Cuiabá e Red Bull Bragantino têm caráter privado, os demais não buscam lucro. Tanto o Kindermann, como o Napoli, são entidades privadas sem fins lucrativos. A Associação Napoli Caçadoreense e a Associação Esportiva Kindermann investem a receita no próprio time, com pagamento de atletas, contratação de funcionários e melhorias na estrutura. Toda a associação possui um conselho deliberativo, que não é remunerado. Já os cargos indicados, como diretor de esporte e marketing recebem salário mensal.

No caso da gestão dos dois clubes, há um teto máximo de arrecadação. Os times têm a obrigatoriedade de arrecadar o mínimo para manter a entidade em funcionamento, mas não podem exceder o valor máximo, nem virar o ano com o caixa negativo. Como as organizações são sem fins lucrativos, são isentas de Imposto de Renda de Pessoa Jurídica e também de Contribuição Sindical sobre o Lucro Líquido. Um projeto de lei parado no Senado traz incentivos para que os clubes do futebol brasileiro migrem do modelo de associação sem fins lucrativos para o empresarial.

Nesse modelo de associação, a prefeitura de Caçador auxilia os clubes com uma ajuda mútua. Como já falado, enquanto as atletas representam o município nos Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC), o governo municipal paga parte da estrutura, cede o estádio e transporte, quando necessário. No ano de 2019, por exemplo, o poder público municipal passou R\$ 50 mil ao Kindermann e R\$ 19 mil ao Napoli para custeio de alimentação, transporte para treinamento e competições, aluguel de locais para treinamento, despesas médicas, farmacêuticas e laboratoriais, segundo documento aprovado na Câmara de Vereadores de Caçador. Esse repasse anual foi paralisado em 2020 devido ao cancelamento do JASC e à pandemia da Covid-19.

A DIFERENÇA ENTRE OS TIMES PROFISSIONAIS E AMADORES

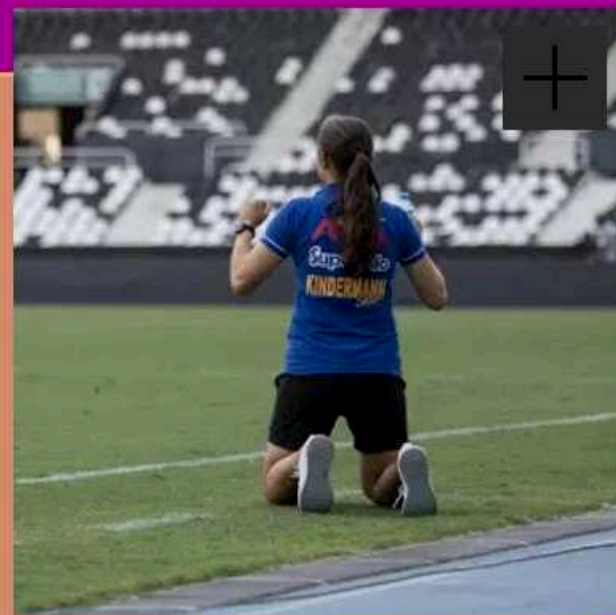
A profissionalização é uma das questões mais discutidas no futebol feminino. Nenhum campeonato brasileiro de mulheres é profissional e as discrepâncias entre os times ficam nítidas até mesmo quando estamos falando de Kindermann e Napoli. Enquanto o irmão mais velho é profissional, o mais novo ainda é amador. Para que um clube se torne profissional é necessário se adequar às normas da Federação Catarinense de Futebol (FCF) e da CBF, como adequações do estádio, investimento na base, certificação da comissão técnica e declaração financeira detalhada. Esse processo possui um alto custo, o que muitas vezes impede a profissionalização de alguns times.



A equipe do Kindermann, que é profissional, tem a opção de fazer contrato profissional com as jogadoras ou, ainda, vínculos não profissionais. Em competições profissionais, que não é o caso da Série A1, é permitido que um clube tenha até cinco atletas não profissionais com mais de 16 anos e menos de 21. Para Caçador, há um adendo a mais em relação ao benefício de estabelecer vínculos não profissionais com as jogadoras: a participação no JASC. Só podem jogar no campeonato estadual aquelas atletas que ainda não são profissionais. No Kindermann, quando os contratos são profissionais, o prazo mínimo de duração é de três meses e o máximo de cinco anos. Dentro desse período é possível negociar com a atleta a melhor opção e indenizações podem estar previstas em contrato. No vínculo não profissional, o prazo máximo do contrato é de 3 anos, mas a atleta pode deixar o time a qualquer momento, assim como o clube pode dispensar.

Apesar desse prazo máximo variar entre 3 e 5 anos, a maioria dos contratos com as jogadoras vigentes no Brasil são para um ano ou uma temporada, o que gera uma instabilidade. "No feminino não é tradição, não tem o hábito de se fazer um contrato muito longo. As atletas mesmo com contrato pediram para sair antes", opina o diretor do Kindermann e presidente do Napoli, Jonas. As jogadoras parecem gostar dessa forma diferenciada de contratação no futebol feminino. Para Pâmela Dutra, atleta do Napoli, essa forma favorece as transferências entre times, que não precisam pagar multas indenizatórias. A Duda Santos do Palmeiras tem a mesma opinião. Para ela, facilita a locomoção entre clubes e garante que a atleta não ficará em um time do qual não gosta. Da mesma forma, a jogadora diz ser tranquilo estender o contrato nas equipes pelo qual ela passou, como o Kindermann. Para os próximos anos, a CBF deve profissionalizar, pelo menos, a Série A1 do Brasileiro, o que gera uma perspectiva maior para a modalidade. Se o regulamento já exigisse as adequações em 2021, o Napoli não poderia estar na elite.

Para a historiadora Aira Bonfim a profissionalização é necessária e pode acelerar ainda mais o processo do futebol feminino rumo ao futuro: "Eu desejo a profissionalização, eu desejo o acesso de qualquer menina, inclusive que não queira se profissionalizar, que queira brincar de futebol. Eu desejo que a gente tenha uma comunicação muito mais preparada tanto para cobrir futebol, quanto para falar dele. Eu desejo de fato uma modalidade transparente, sustentável, que lute pela desigualdade não só dentro do esporte, mas fora dele também. Tenho muito orgulho das histórias das mulheres".



PRÓXIMO CAPÍTULO
DA DESISTÊNCIA DA
CARREIRA DE JOGADORA
AO TRIUNFO COMO
TÉCNICA: CONHEÇA
CARINE BOSETTI



O TABU DE MULHERES "NÃO SERVIREM" PARA O COMANDO

Carine Bosetti, a técnica do Napoli, faz parte de um pequeno grupo de mulheres que comandam times brasileiros de futebol. Dos 16 clubes da Série A1 2021 do Campeonato Brasileiro, apenas quatro possuem mulheres como treinadoras: Ferroviária, Grêmio, Napoli e Santos. Na elite da modalidade masculina, isso nunca aconteceu e parece estar muito longe de acontecer. "Essa questão do gênero pesa muito. Você o tempo inteiro está sob olhares desconfiados pensando se você tem capacidade ou não de ser técnica. A gente sente muito essa opressão", desabafa Carine. O diretor do Kindermann e presidente do Napoli, Jonas Estevão, acredita que "se a pessoa é competente, indiferente de ser homem ou mulher, tem seu espaço". Mas essa escassez do gênero feminino na chefia dos times nos faz pensar se realmente estamos falando apenas de "competência". Será que entre as milhões de mulheres brasileiras apenas uma meia dúzia tem capacidade de ser técnica de times que participam de campeonatos organizados pela CBF?

Falar de mulheres no comando, ultrapassa as barreiras do futebol. Em muitas áreas da sociedade, é difícil enxergar o gênero feminino em cargos de chefia e, quando isso acontece, os salários são menores. A cada ano esse número vem subindo. As mulheres são maioria no Brasil (51,8%) e ocupam 43,8% dos empregos de comando registrados na Relação Anual de Informações Sociais (Rais) em 2017, mas a remuneração dessas trabalhadoras representava 69,8% do salário dos homens. No futebol, a realidade é ainda mais embaixo. Segundo um artigo da Revista Movimento, publicado em 2020, os homens ocupam 85% dos cargos de comissão técnica dos times femininos. "Não é fato de eu nascer com uma vagina no meio das minhas pernas que me coloca inferior nas condições de liderar, de treinar, de ocupar qualquer lugar da sociedade. E, por vezes, essa imagem de fragilidade atribuída às mulheres ou de uma competência do cuidado familiar ajudou a naturalizar isso por muito tempo, ajudou a reduzir as nossas possibilidades de sonhar qualquer coisa, de sonhar em ser técnica ou alguma representante da CBF", reflete Aira Bonfim.



A primeira mulher a comandar um time campeão brasileiro de futebol foi Tatiele Silveira em 2019. A primeira mulher a liderar uma equipe campeã da Libertadores da América foi Lindsay Camila, em março de 2021. As conquistas femininas no futebol são recentes. Por isso que a figura de Carine Bosetti em Caçador é tão marcante e importante. "É uma menina que começou aqui e que foi campeã brasileira, que é coisa rara no futebol feminino. São mais os homens que fazem esse trabalho, mas a mulher está se desenvolvendo muito. Tem três na comissão técnica no Napoli que são mulheres. Isso aí está valorizando cada vez mais e vão aparecer mais atletas com qualidade podendo ser treinadoras", projeta Salézio Kindermann.



Uma técnica vitoriosa: Carine Bosetti desistiu de ser jogadora...




Assistir ma...



Compartilh...



"Muitas coisas que elas passam hoje, eu já senti na pele lá trás"

Assistir no  YouTube

DA APOSENTADORIA COM 22 ANOS AO TRIUNFO COMO **TÉCNICA**

No final da Copa do Mundo de 98, Carine assistia ao Brasil com sua mãe sentada na sala de casa. Ela ficou admirada com a partida e disse que seria jogadora de futebol e vestiria a amarelinha. Desde muito pequena, ela jogava bola com os seus vizinhos como passatempo. Naquela época, era difícil ver uma menina brincando de futebol. Falar da modalidade de uma forma mais séria e profissional era impossível. Natural de Concórdia, em Santa Catarina, Carine começou a jogar futsal em uma escolinha com 12 anos e foi convidada a compor a equipe do município para participar de competições estaduais. Em 2008, no primeiro ano em que o Kindermann adentrava o mundo do futebol, Carine foi convidada para participar da equipe e conquistou o terceiro lugar da Copa do Brasil.

Depois de três meses jogando no campo, Carine foi convocada para a seleção brasileira sub 17 para realizar o sonho de jogar com a amarelinha. Ela participou do primeiro mundial da categoria na Nova Zelândia e ali as coisas começaram a mudar em sua carreira. Ao voltar para Caçador, ela ligou para a sua mãe e disse que entraria na faculdade de Educação Física, porque não conseguia ver perspectiva como jogadora de futebol. O tempo na seleção a fez desacreditar da profissão que ela havia escolhido. Ao mesmo tempo que Carine se destacava em campo, a atual treinadora construía uma segunda carreira em paralelo. Com 22 anos, Carine se formou pela Uniarp e pendurou as chuteiras. A jogadora continuou participando de algumas competições pelo Kindermann, mas sem compromisso de treinamentos.

A jogadora, que se aposentou muito cedo, buscou espaço na Fundação de Esporte da cidade e passou a coordenar eventos esportivos. Em 2017, já como professora concursada, Carine desenvolveu um projeto de iniciação ao futsal para meninas em Caçador. "Iniciei um trabalho social nos bairros para descobrir algumas meninas para formar uma equipe para o município, porque a equipe que tinha antes estava se desfazendo por questão da não continuidade do trabalho. Iniciei com escolinhas e núcleos em vários bairros. Eu tirava algumas meninas para fazer parte da equipe de rendimento, que representou o município em algumas competições". O trabalho da técnica ganhou visibilidade na cidade e os moradores passaram a dar ainda mais atenção para a ex-atleta do Kindermann e então técnica da prefeitura. Ao perguntar para os moradores e autoridades de Caçador sobre a relação do futebol/futsal feminino com a cidade, todos indicam Carine como referência.



Carine treinou o time feminino e de pessoas com deficiência durante o seu trabalho na Prefeitura | Fotos: Arquivo Pessoal



Carine treinou o time feminino e de pessoas com deficiência durante o seu trabalho na Prefeitura | Fotos: Arquivo Pessoal



Carine treinou o time feminino e de pessoas com deficiência durante o seu trabalho na Prefeitura | Fotos: Arquivo Pessoal



Carine treinou o time feminino e de pessoas com deficiência durante o seu trabalho na Prefeitura | Fotos: Arquivo Pessoal

Ainda em 2017, ela foi convidada a fazer parte da comissão técnica do seu clube anterior, como preparadora física. No Catarinense daquele ano, ao lado de Jorge Barcellos, ela ainda atuou em algumas partidas como jogadora, inclusive contra o Napoli, que havia surgido naquele ano. Quando o time rubro-anil conquistou a vaga para a Série A2 de 2018, Carine foi promovida a técnica do clube. Com pouco investimento, a equipe foi eliminada ainda na fase de grupos e foi paralisada. A técnica esperava voltar a fazer parte da comissão do Kindermann, mas foi dispensada e precisou reiniciar sua vida novamente. "Eu me surpreendi porque na época eu tinha esse vínculo com a cidade. Por ter sido jogadora, as pessoas têm essa referência na gente. Do nada mataram isso que a gente tinha e aquilo me frustrou bastante. Eu tive que sair do zero de novo, voltar para as minhas atividades e esperar o tempo passar para eu ter uma oportunidade novamente", conta Carine.

A oportunidade veio em 2019, já na segunda rodada do Catarinense, quando o time do Napoli voltou à ativa. Salézio ligou para Carine para que ela assumisse o time no estadual para conquistar vaga no Brasileiro Série A2 de 2020 e dar continuidade ao trabalho. A técnica confessa que ficou com medo de ser descartada novamente ao fim do campeonato, mas resolveu aceitar mais uma vez o desafio. "Quando eu entrei estava na segunda rodada. Eu dei um treino para as meninas e fomos para o jogo. Eu vi o primeiro jogo delas que foi contra o Kindermann, consegui montar uma estratégia, trabalhei em cima disso e nós fomos para o jogo. Então a partir dali, a comissão do Kindermann não se envolveu mais em nada em relação ao Napoli. Em 2019 foi quando começou a ter essa independência em relação ao trabalho. Em 2020, estava totalmente separado, e aí sim foi montada uma comissão técnica".



Junto com a equipe, Carine conquistou a vaga para o campeonato nacional e, com um baixo orçamento, não só conseguiu o acesso à elite do futebol feminino, como foi campeã da Série A2 2020, um título inédito para o novo clube. "Mesmo chegando lá, muitas vezes as pessoas não vão olhar para nós mulheres com o olhar que deveriam e não vão valorizar o trabalho da mulher. Eu acredito que esse olhar é um combustível para nós. Se nós soubermos aproveitar da melhor maneira possível, cada vez aumentaremos aquela gana de vencer, de buscar, de ser melhor, de se especializar, de ser boa naquilo que estamos fazendo porque temos capacidade sim.

Tem momentos difíceis, principalmente quando algumas pessoas querem se impor para cima da gente. A mulher também tem a capacidade de se impor nos momentos necessários para ser valorizada e poder fazer o seu trabalho com tranquilidade", explica a técnica.

Tuani Lemos, a capitã do Kindermann jogou com a Carine antes de ela se aposentar e conta que a técnica sempre foi muito determinada, correta e exemplar. "Eu não imaginava que ela se tornaria técnica, mas eu sempre soube que o que ela fosse fazer, ela seria uma referência naquilo", fala Tuani. A experiência de Carine como jogadora é um dos pontos mais citados pelas jogadoras de seu time. "Acho que tem muita diferença na forma de como um homem leva o futebol feminino e como a mulher leva. A Carine já foi atleta, ela já passou por coisas que a gente já passou, ela tem uma visão melhor do que é você ser atleta de futebol feminino. Eu acho que ela tem uma visão muito ampla em relação a gente. O corpo da mulher é diferente do corpo do homem, a gente tem ciclos, tem dias que a gente não está legal, tem dia que a gente está com o corpo estranho e ela entende isso muito bem", expõe Malu, a nº 9 do Napoli.

Katlin Hartmann, moradora de Caçador, lembra que viu Carine nas quadras e fica feliz com a evolução da profissional. Ela acompanhou o crescimento da técnica em seu trabalho com a prefeitura da cidade do Meio Oeste catarinense e admira o estilo da treinadora, que olha individualmente para as necessidades das atletas. "Ela consegue realmente trazer a experiência dela de quadra, de vida e não esquece que ela não tem máquina nas mãos, mas atletas que são mulheres, que vão ter problemas de mulheres, nossos altos e baixos. É lindo ver esse trabalho dela, que não é focado só na parte de vencer, mas também nas pessoas que ela tem nas mãos", reconhece Katlin.

MULHERES AINDA SERÃO MAIORIA

Para Jorge Barcellos, técnico do Kindermann que trabalhou ao lado de Carine, a comissão técnica do futebol feminino deve ser sempre composta por mulheres, para estabelecer um elo com as jogadoras. Mas, ao mesmo tempo, ele tem medo que os homens percam o protagonismo na modalidade. "É importante frisar que o futebol feminino teve o seu crescimento com vários homens. A gente só não pode chegar e colocar só mulheres e tirar os homens todos". O técnico ainda acrescenta que as mulheres precisam "estar bem preparadas para tomar esses espaços" e que, quem sabe, ele ainda pode se tornar auxiliar de alguma treinadora.

O ritmo das conquistas femininas vem crescendo nos últimos anos. A gestão do futebol feminino vai aos poucos sendo passada para a mão de mulheres competentes. A CBF, por exemplo, sempre teve um homem coordenando as jogadoras.

Agora, além de Duda Luizelli ser a Coordenadora de Seleções Femininas, a confederação ainda abriu um novo cargo na instituição, de Coordenadora de Competições Femininas, ocupado por Aline Pellegrino. Na comissão técnica da seleção, a

situação não é diferente. Pia Sundhage assumiu o cargo principal e ao seu lado ainda estão a sueca Jill Ellis e a brasileira Bia Vaz. "Estamos tendo essas mulheres que estão na ativa hoje como modelos. Se você nunca tinha visto uma mulher gerindo, você vai ver. As mulheres gerem suas casas desde que o mundo é mundo, mas agora você vai ver no futebol. Você vai ver a Edna apitar, vai ver a revolução acontecendo. Agora é momento da revolução", dispara a historiadora e pesquisadora

Aira Bonfim.





“Esse é um campo em que a mulher pode atuar, mas depende muito das oportunidades também. Nós temos brigado pelo nosso espaço e mais mulheres vão aparecer aí com bons resultados. É um grande desafio, não é fácil, principalmente essa questão de olhares, de você ser olhada pelo gênero, muitas vezes, já um estereótipo em relação a isso, e não pela sua competência. Mas eu acredito que cada vez mais essa questão da mulher dentro do futebol vai ser maior e nós temos uma perspectiva de crescimento”, afirma a técnica Carine. Para ela, a motivação de acordar todos os dias e continuar enfrentando os desafios é a alegria nos olhos das meninas. A treinadora é grata por contribuir para que sonhos se realizem e por ser uma ferramenta para que as jogadoras possam viver do futebol.

[OS BASTIDORES DA REPORTAGEM >](#)



Maria Eduarda Dalponte

Graduanda de Jornalismo pela
Universidade Federal de Santa Catarina
Orientadora: Cárilda Emerim

ESTA REPORTAGEM FOI DESENVOLVIDA POR MIM, MARIA EDUARDA DALPONTE, COMO TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO.

SOU CATARINENSE E DESDE 2019 ESTUDO E ACOMPANHO O FUTEBOL FEMININO. AO VER OS DOIS TIMES DE SANTA CATARINA NA ELITE, NÃO TIVE DÚVIDAS SOBRE O TEMA DO TCC.

TODAS AS ENTREVISTAS E PESQUISAS FORAM FEITAS DE FORMA ON-LINE DEVIDO À PANDEMIA DA COVID-19.

JUNTO COM A REPORTAGEM, RESOLVI CRIAR O SITE "DESIMPEDIDAS" PARA POSTERIORMENTE DAR CONTINUIDADE AO PROJETO E CONFERIR MAIS VISIBILIDADE AO FUTEBOL FEMININO E ÀS MULHERES QUE TRABALHAM COM ESPORTE.

O NOME DESIMPEDIDAS SURTIU DE DUAS SITUAÇÕES:

1º - AS MULHERES FORAM IMPEDIDAS DE JOGAR FUTEBOL POR 41 ANOS NO BRASIL E NOS ÚLTIMOS TEMPOS VÊM QUEBRANDO BARREIRAS E FAZENDO A MODALIDADE CRESCER.

2º - SABE AQUELA FAMOSA PERGUNTA FEITA PARA TODA MULHER QUE GOSTA DE FUTEBOL? POIS É, ALÉM DE SABERMOS O QUE É IMPEDIMENTO, ESSES PRECONCEITOS NÃO VÃO MAIS NOS PARALISAR. ALIÁS, SOMOS E ESTAMOS DESIMPEDIDAS!



@DUDADALPONTE



O Diário do TCC | Estrelando: Duda Dalponte




Assistir ma...



Compartilh...



"Tava refletindo como ia ficar legal um TCC presencial"

Assistir no  YouTube

Todas as fontes auxiliaram muito na produção desta reportagem. Como o processo foi feito de forma on-line, a parceria e o apoio dessas pessoas foram essenciais. Fica aqui o meu agradecimento ao Seu **Salézio Kindermann**, pela sua forma gentil de me passar as informações, ao **Jonas Estevão** pelo seu tempo, à **Andrielli Zambonin**, assessora de imprensa do Kindermann e do Napoli, que além de auxiliar durante o processo, ajudou com diversas imagens, ao **Rafael Seidel** da Prefeitura de Caçador pela agilidade em conseguir os vídeos da cidade, à técnica **Carine Bosetti** por toda a sua disponibilidade, ao ex-secretário de Esportes, **Enemir Corozzola**, pela ajuda indispensável, à **Franciele Vezoli** e **Katlin Hartmann**, que compartilharam suas histórias e ajudaram com fontes, ao **Leandro Boeira**, pelo auxílio com os contatos e, claro, às jogadoras **Tuani Lemos, Duda Santos, Malu Schmidt, Pâmela Dutra** e **Júlia Cipriani**, que em suas rotinas corridas separaram um tempo para conversar comigo.

Não poderia deixar de agradecer e citar as demais fontes, tão solícitas e solidárias: **Ânderson Souza, Pietra Souza, Karyna Pereira, Nati Pereira, Aira Bonfim, Paulo Roberto Bordgnon, Jorge Barcellos** e **Francisco José Battistotti**.

Gostaria, ainda, de agradecer a minha mãe e ao meu pai, **Adilson e Lenita Dalponte**, ao meu namorado, **Ronaldo Fontana**, a minha tia, **Leda Suzana** e às amigas **Rafaela Ferreira** e **Luane Costa** por todo auxílio durante a produção desta reportagem e, claro, a minha orientadora, **Cárlida Emerim**, pelas direções e apoio.

Dedico este trabalho ao Seu **Salézio Kindermann**, presidente e gestor dos times femininos de Caçador. O empresário contraiu Covid-19 e está em estado grave na UTI. Espero que essa homenagem envie boas energias e que ele possa se recuperar prontamente.

Reportagem multimídia disponível em
www.desimpedidas.com.br